

A SEMANA CULTURAL GALEGA NO PORTO^[1]

Teresa Soeiro

1. Introdução

FOI EM 1935 QUE A UNIVERSIDADE E A CIDADE DO PORTO ACOLHERAM UMA MULTI-DISCIPLINAR EMBAIXADA CULTURAL DA GALIZA: começava a *Semana Cultural Galega*. No ano seguinte, deveriam ser os investigadores e artistas (do Norte) de Portugal a deslocar-se além Minho, mas a efervescente conjuntura política e depois a *guerra civil espanhola* não o permitiram.

Nesta evocação não vamos insistir na relação entre intelectuais do Noroeste, construída ao longo de toda a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do seguinte, em várias áreas das ciências, das artes e da cultura em geral (Ventura 1987-1988; Beramendi 2007, p. 647). Interessa-nos realçar aspectos conjunturais que permitiram a concretização de um evento exemplar - a *Semana Cultural Galega* - que

61

A SEMANA
CULTURAL
GALEGA
NO PORTO

Teresa Soeiro

¹ O presente trabalho resulta da intervenção preparada para a sessão comemorativa *Galiza no Porto: A propósito da Semana Cultural Galega de 1935*, a qual decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 27 de Novembro de 2015. Esse evento constituiu, simultaneamente, a nossa homenagem a Fernando Acuña Castroviejo, procedendo-se então ao lançamento do volume 36 (2015) da revista *Portugalia*, que lhe foi dedicado. A versão alargada da conferência, publicada no número seguinte da mesma revista (*Portugalia*, nova série, 37, Porto, DCTP-FLUP, 2016, pp. 89-129), foi agora revista, por solicitação dos editores da presente coletânea.

em 1935 envolveu especialmente o Porto, com naturais prolongamentos para Vila Nova de Gaia e Guimarães.

Lembramos que, neste período entre a primeira e a segunda guerra mundiais, a Península Ibérica viveu intensa actividade política, resultante certamente das movimentações europeias e da conjuntura global, mas aqui sentida muito em particular pela disparidade cronológica em que de cada lado da fronteira foi derrubada a monarquia, adoptado o regime republicano e se sucumbiu às ditaduras, que durariam quatro décadas. Muito sumariamente, podemos dizer que a vitória da República em Portugal, no mês de Outubro de 1910, representou uma forte ameaça e um mau exemplo para a monarquia de Afonso XIII, a qual acolheu os vencidos e os ajudou nas suas intentonas para repor o regime, colocando-se mesmo a hipótese de intervir directamente (Cunha 2007, p. 17); depois, a ditadura militar portuguesa de direita, vitoriosa em Maio de 1926, vai conviver melhor com a também ditadura de Miguel Primo de Rivera, que não apoia abertamente os refugiados republicanos nas suas múltiplas tentativas para reverter a situação^[2], abrindo um tempo de troca de representações políticas e culturais, em que se enquadra a primeira tentativa de realizar a *Semana Galega* e a forte presença institucional na Exposição de Sevilha de 1929; a vitória dos republicanos em Espanha nas eleições de Abril de 1931 provoca a fuga para Portugal dos elementos de direita, enquanto os republicanos portugueses no exílio se voltam a aproximar da fronteira e a receber auxílio; o segundo biénio desta II República espanhola (desde Novembro de 1933), com a sua política conservadora, acerta o passo com o Portugal de Salazar, o que facilitou, entre outras, a realização que nos interessa; por fim, a vitória da Frente Popular nas eleições de Fevereiro de 1936 leva a incompatibilidade dos regimes peninsulares ao rubro (Oliveira 1985 e 1992, p. 28 e ss.; Torre Gómez 1998a e 1998b).

Acresce a todo este volátil quadro político próximo a questão de fundo do federalismo e iberismo, para o comum dos portugueses uma ameaça representada pelo *perigo espanhol*, como então se dizia e de que constantemente falava a manipulada propaganda, aproveitando o trauma de um país pequeno e confinado na borda do mar quando o

² Uma síntese sobre o *revirálho*, os que no país ou expatriados tentavam combater o definitivo aniquilamento da República, em Rosas, 1994, p. 206 e ss.

seu vizinho cinco vezes e meia maior, que o separa da Europa, fala de federação ou de qualquer outra forma de junção, hispanofobia secular, jamais ultrapassada e mesmo incutida pelos manuais escolares através da releitura mitificada de Aljubarrota e dos malefícios experienciados com o domínio *estrangeiro* em 1580-1640.

2. Alejandro Rodríguez Cadarso e a atracção por Portugal

Mas voltemos a focar no tema que interessa, para o que vamos chamar à colação essa figura proeminente da Universidade de Santiago de Compostela que foi Alejandro Rodríguez Cadarso, reitor entre 1930 e 1933. Fazemo-lo por dois motivos fundamentais, que suportaram a ponte com Portugal: por um lado, na sua área de especialidade – a anatomia, desenvolveu estreitas relações com professores e instituições portuguesas, incentivando a troca de experiências e as iniciativas conjuntas, em que envolveu personagens que vamos reencontrar na *Semana Cultural Galega* do Porto, a qual teve sessões na Faculdade de Medicina; por outro lado, durante o seu reitorado, e por empenho pessoal, foi criado na universidade compostelana o Instituto de Estudos Portugueses, onde leccionariam conhecidas personalidades, nomeadamente republicanos que a luta contra a Ditadura Militar imposta em 1926 empurrara para o exílio.

63

.....
A SEMANA
CULTURAL
GALEGA
NO PORTO
.....

Teresa Soeiro

2.1. O intercâmbio entre Universidades e as *Jornadas Médicas*

O primeiro pilar desta ponte começou a erguer-se, por via epistolar, em 1916, com a relação entre Rodríguez Cadarso e Henrique de Vilhena, catedrático de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa (Bermudes, 1952). No ano de 1923, conheceram-se pessoalmente, fruto da deslocação de Henrique Vilhena a Compostela (Vilhena 1934, p. 504). Pouco depois, a pedido de Cadarso, o Instituto Anatómico da capital portuguesa oferece material osteológico para apoiar o ensino prático em Santiago (Bermudes 1952, pp. 844–845). Sinal da consideração entre os dois investigadores e as respectivas instituições seria o convite (1925) para tomar parte, com uma conferência, na comemoração

do Primeiro Centenário da Régia Escola de Cirurgia e Faculdade de Medicina de Lisboa. Prosseguiu, sem quebra, o aumento do prestígio de Rodríguez Cadarso que, dez anos passados (1926) sobre os primeiros contactos, se tornou membro correspondente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e do Instituto de Coimbra. Em colaboração, Cadarso e Vilhena começam as diligências para fundar a Sociedade Hispano-Luso-Americana de Anatomia, o que alcançam em 1930 (Vilhena 1934; Carro 2008, pp. 85–89; Gurriarán 2008, p. 105).

Não menos profunda foi a ligação com o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, dirigido por Joaquim Alberto Pires de Lima, onde pontificava Hernâni Monteiro (Fig. 1), e também com o Instituto de Antropologia, dirigido por Mendes Correa, instituições frequentadas por Rodríguez Cadarso e visitadas uma última vez em Janeiro de 1933, quando se deslocou ao Porto, acompanhado pelo colega Francisco Bacariza, para receber, na Casa de Espanha, as insígnias da condecoração que lhe havia sido concedida pelo governo, a Ordem de Instrução Pública (*PJ* 1933/02/05). No mês de Abril tomou parte na 28ª reunião anual da Associação dos Anatomistas e 1º da Sociedade Anatómica Portuguesa, realizada em Lisboa (Vilhena 1934, p. 516; Monteiro 1934, p. 239).

Fig. 1 Visita de Alejandro Rodríguez Cadarso ao Instituto de Anatomia UP, em Janeiro de 1933. Vemos na primeira fila, a partir da esquerda, António de Almeida Garrett, Francisco Bacariza, Alejandro Rodríguez Cadarso, Joaquim Alberto Pires de Lima, Hernâni Monteiro e Alberto de Sousa; atrás, também partindo da esquerda, Amândio Tavares, António de Sousa Pereira e Álvaro Rodrigues (FMUP-DA)



Os médicos e professores das universidades portuguesas irão comparecer a uma outra iniciativa a que esteve ligado este reitor de Santiago, as Jornadas Médicas Galegas, reunidas pela primeira vez na Corunha, em 1929, com a participação de António Almeida Garrett, em representação da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (Diz-Lois 2008), futuro anfitrião das conferências da *Semana Cultural*.

Dois anos depois, a Vigo deslocam-se Francisco Gentil e outros colegas de Lisboa, de Coimbra e do Porto (Hernâni Monteiro, Roberto Carvalho, Amândio Tavares, Óscar Ribeiro). Seguiram-se as Jornadas em Lugo (1933), com profissionais de vários centros médicos e onde foram apresentadas mais de cinquenta comunicações por portugueses, entre eles novamente Francisco Gentil (Lisboa) e, do Porto, António Almeida Garrett, Amândio Tavares e Hernâni Monteiro (Viveiro 2008, p. 50; Carro 2008, pp. 90–91). As quartas Jornadas, em Ourense, no ano de 1935, levavam já, por proposta de Cadarso aprovada nas anteriores, o título de Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas (PG 1933/08/17; Monteiro 1934), reafirmando esta continuada relação, sublinhada com a entrega da presidência a um médico designado pelos portugueses. A escolha recaiu sobre Hernâni Monteiro, da U.Porto, que aproveitou o momento para fazer o elogio do mentor da iniciativa, Rodríguez Cadarso, falecido no final de 1933^[3]. As quintas Jornadas estavam previstas para o Porto, em 1937, e não chegaram a acontecer (Gurriarán 2008, pp.106–109).

2.2. O Instituto de Estudos Portugueses na USC

O segundo pilar sobre o qual assentou a institucionalização deste vínculo foi a criação do Instituto de Estudos Portugueses na USC em 1931 (Abril, 20), no advento da II República espanhola, também por iniciativa do então reitor Alejandro Rodríguez Cadarso. Este instituto concretiza uma ambição formulada desde 1929, no final das Jornadas Médicas (Villanueva 2008, p. 67), fazendo parte do seu programa de modernização e abertura da universidade ao mundo. A troca *inter pares* levaria a Santiago vultos da cultura portuguesa, de preferência homens de ideologia política republicana mas não necessariamente do espaço

³ Monteiro, Hernâni - Discurso del presidente de las Jornadas. *Jornadas médicas galaico-portuguesas celebradas en Orense: libro de actas*. Ourense, 1936, pp. 691-697. Na sessão inaugural tinha discursado igualmente Hernâni Monteiro e ainda A. de Almeida Garrett, director da Faculdade de Medicina U. Porto. Das 107 comunicações apresentadas em Ourense, 48 pertenciam a 31 investigadores portugueses. Um relato pormenorizado e ilustrado deste congresso preenche um número especial da revista *Germen* (4, 1936), dos estudantes de Medicina, U. Porto.

galaico, para proferir conferências, implementar cursos e participar ou co-organizar reuniões científicas (Fernández & Santos 2008, p. 39), da mesma forma que, na década anterior, o próprio Rodríguez Cadarso fizera parte do percurso de investigador em Portugal e junto de outros centros especializados da Europa. Aliás, o seu relacionamento com instituições portuguesas, sobretudo de Lisboa e Porto, teria certamente ajudado ao êxito inicial do Instituto, para o qual solicitou, junto do Ministro da Instrução Pública, Gustavo Cordeiro Ramos^[4], o envio de um professor catedrático que leccionasse o curso inaugural (*Comp.* 1931/03/10).

O indigitado foi Hernâni Cidade, director da revista *A Águia*, professor da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto e desde a sua completa extinção, em 1930–31, colega do ministro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Viveiro 2008, p. 49)^[5]. Iria ministrar, a partir de Abril, um curso sobre literatura portuguesa. Hernâni Cidade deixou-nos um emocionado relato da chegada a Santiago que, apesar do seu vetusto edificado, o impressionou pela juventude e modernidade, contrariamente a outras cidades universitárias espanholas onde havia estado: “Esta cidade está quasi toda mergulhada no passado. Não vi nada mais sombriamente evocativo (...) Todavia, nestas velhas arterias sombrias, que sangue novo não circula. A Universidade enche-as de vida, porque se modernizou por todas as fôrmas” (*PJ* 1931/04 28). No dia da sua chegada, a população festejava na rua a vitória eleitoral e a proclamação da II República (Prada Rodríguez 2005, p. 229 e ss.).

Pelo Instituto dos anos trinta passaram outros nomes destacados do republicanismo, como António Sérgio que, no exílio desde 1927, aí esteve entre Janeiro e Maio de 1933, contratado pela Universidade de Santiago para cursos livres sobre história e literatura portuguesas (Fernandes 1981, p. 43; Ventura 1988, pp. 88 e 90), o que o levaria a preparar e prefaciá-la edição de colectâneas de escritores lusos:

– 1933, Quental, Antero de – *Sonetos escogidos*. Santiago de Compostela: Universidad, Instituto de Estudios Portugueses (prólogo de António Sérgio);

⁴ Viria a ser membro de honra da Real Academia Galega (1950-1974).

⁵ Foi, assim como Hernâni Monteiro, sócio correspondente da Real Academia Galega.

- 1933, Camões, Luís de – *Líricas escogidas*. Santiago de Compostela: Universidade, Instituto de Estudios Portugueses (prólogo de António Sérgio).

Também leccionou no Instituto outro ex-ministro da instrução da República e professor da primeira Faculdade de Letras da U. Porto – Leonardo Coimbra, que já em 1921 encabeçara a promissora embaixada cultural portuguesa enviada à Corunha (A embaixada 1921), além de Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, e Jaime Cortesão, no exílio desde que participou na revolta de 3 de Fevereiro de 1927 contra a Ditadura Militar (Farinha 1998, p. 29 e ss.), fixando-se em Espanha a partir de 1931 e sempre que a República o permitiu e apoiou, já que continuava a preparar acções da oposição, vendo-se envolvido, por exemplo, no caso das armas relacionado com a *sublevação* das Astúrias, de 1934.

Esteve ainda no Instituto (e na Universidade Central de Madrid) Fidelino de Figueiredo, da direita radical, no exílio por, em Agosto de 1927, encabeçar com Filomeno da Câmara o *Golpe dos Fifis* (assim designado a partir das primeiras sílabas dos nomes) contra os militares republicanos conservadores da Ditadura Militar. A sua acção em Compostela estendeu-se à instituição do *Prémio Oliveira Martins*, para estudantes USC (1933/34) que quisessem realizar uma estância de investigação em Portugal (*Portucale* 6, 1933, p. 95), e à publicação de obras editadas pelo Instituto (Monteiro 1934, p. 241). Reconhecemos as seguintes:

- 1933, Cossío, José María de (sel. e trad.) – *Sonetos portugueses*. Santiago: Universidade, Instituto de Estudios Portugueses (prólogo de Fidelino de Figueiredo).
- 1933 Figueiredo, Fidelino de – *Las dos Españas*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, Instituto de Estudios Portugueses.
- 1934 Figueiredo, Fidelino de – *Depois de Eça de Queiroz... (1900–1933): Ensaio sobre a literatura portuguesa contemporânea*. Santiago: Universidad, Instituto de Estudios Portugueses.
- 1935 Figueiredo, Fidelino de – *Características da literatura hespanhola*. Santiago: Universidad, Instituto de Estudios Portugueses.

– 1936 Figueiredo, Fidelino de – *Lope de Vega: alguns elementos portugueses na sua obra*. Santiago: Universidade, Instituto de Estudios Portugueses.

Rodríguez Cadarso faleceu inesperadamente num acidente de viação, em Dezembro de 1933. No início do ano seguinte, as actividades do Instituto contaram com a presença, em Santiago, de um grupo de professores da área de Medicina da Universidade do Porto, liderados por Hernâni Monteiro^[6], para leccionar um curso de *Anatomia Experimental*. Começaram por se deslocar ao cemitério e aí prestar homenagem ao desaparecido reitor (*Comp.* 1934/02/27; Viveiro 2008, p. 49).

Outros médicos, incluindo Egas Moniz, o futuro prémio Nobel, fizeram este percurso. Nos números extraordinários do *Boletín de la Universidad de Santiago de Compostela* dedicados a Cadarso, de 1933, prontamente publicados (*Comp.* 1934/03/09), participam diversos autores portugueses: no de Letras e Direito deparamos novamente com textos de Fidelino de Figueiredo, António Sérgio, Henrique de Vilhena, Jaime Cortesão e Hernâni Cidade; no de Ciências encontramos comunicações de Amândio Tavares, Geraldino Brites, Hernâni Monteiro e a equipa médica do Porto, Egas Moniz, Gentil Martins, J. A. Pires de Lima e Arlindo Camilo Monteiro.

3. Os portugueses no Seminario de Estudos Galegos

A mais forte base de sustentação das relações entre estudiosos do Noroeste foi, porém, o Seminario de Estudos Galegos, criado em Outubro de 1923 (Instituto 1974; Mato 2001). Na documentação que se preserva no Instituto de Estudios Gallegos «Padre Sarmiento»^[7], pudemos verificar que a ligação a Portugal se torna mais explícita no ano de 1926 (Março 14), em que o SEG reúne no salão nobre da Sociedade Económica para uma *solene velada* e sessão laudatória de Carolina

⁶ Uma década depois (1944), a Faculdade de Medicina USC nomeou-o professor honorário. A sua ligação a Santiago levou-o mesmo a escolher esta faculdade para, quando da jubilação, aí ministrar a última lição, a 18 de Maio de 1961, sem antes avisar os responsáveis da circunstância, como se de uma conferência normal se tratasse. Fê-lo evocando a memória dos amigos Rodríguez Cadarso e Novo Campelo (Tavares 1964, pp. 199 e 205).

⁷ Agradecemos o apoio à sua consulta.

Michäelis de Vasconcelos. A investigadora germano-portuguesa começa por ser elogiada pelo presidente do SEG, Armando Cotarelo Valledor, que sublinha o significado do seu trabalho para a Galiza, seguindo na mesma linha as intervenções de Otero Pedrayo e Vicente Risco. Coube a outro membro do Seminario, Manuel Lugrís Freire, escritor e político galeguista, co-fundador da Real Academia Galega, analisar a obra de Carolina Michäelis de Vasconcelos (IEG–SEG Actas lv. 1; Mato 2001, p. 253). Ao Reitor da Universidade de Coimbra seria remetida uma carta expressando os pêsames, que este agradeceu (IEG–SEG Corr.1925/11/29 e 12/21).

Na acta da sessão de 22 de Abril de 1927, a Xunta do SEG achou oportuno que em próxima assembleia fossem propostos para sócios três elementos do Instituto Histórico do Minho, sediado em Viana do Castelo, reforçando assim uma colaboração já existente, através da incorporação de sócios galegos e, em particular, desde a *Homenagem a Rosalia de Castro*, acto solene promovido por esta instituição, em 1923 (Marco 1996, pp. 201–202). Foram eles João Caetano da Silva Campos, José Cervaens Rodríguez e Júlio de Lemos^[8] (IEG–SEG Actas lv. 2). Também a vianense revista *Lusa* manifestara, desde cedo, grande atenção à cultura galega, o que levou o seu director, Cláudio Basto, bem como José Joaquim Nunes a, em sua representação, inscrever trabalhos no Primer Congreso de Estudios Gallegos (Corunha, 1919), para o qual Carolina Michäelis de Vasconcelos enviara uma outra comunicação. O segundo deixa nas páginas da revista uma crónica do congresso (Nunes 1919, pp. 64–67; Ventura 1987–1988, p. 152).

Em Setembro de 1927, Vicente Risco viaja para Portugal, a fim de estabelecer ou reforçar as relações entre instituições, como anuncia Cuevillas a Ben-cho-sey: “o Risco marchou oxe (1927/09/16) a Portugal. Vai ir por Viana, Guimarães, Porto, Coimbra e Lisboa a renovar relações, a mercar algúns libros e a porse en contaito ca aquela xente” (Rodríguez & Rodríguez 2020, p. 490). Possivelmente em consequência desta expedição, a 3 de Dezembro o SEG recebe as adesões do Reitor da Universidade de Coimbra, Reitor da Universidade de Lisboa, Leite

⁸ Os três foram sócios correspondentes da Real Academia Galega, precedendo Cervaens Rodríguez, admitido em 1910, sendo os outros de 1922 (Carré 1967; Redacción 1943, p. 443-444, 452-455 e 494).

de Vasconcelos^[9] e José Joaquim Nunes^[10]. No início de Janeiro de 1928, Eugénio Jalhay, ainda no colégio da Guarda, visita o SEG e, no fim desse mês, é proposto para sócio.

Entretanto, Mendes Correa vai à Galiza e na Primavera, Cuevillas e Bouza Brey terão oportunidade de realizar uma curta visita de estudo no Norte de Portugal (Bragança, Chaves, Viana, Porto e Guimarães). Embora não se proporcionasse o encontro com aquele professor, são acompanhados por Rui de Serpa Pinto, seu directo colaborador e com quem passaram a trocar a maior parte da correspondência. A experiência foi renovada numa mais prolongada estadia entre os finais de Julho e primeiros dias de Agosto, sobre a qual Cuevillas dirá a Filgueira Valverde: “traballamos como condenados, aunque gracias a Deus com proveito” (Rodríguez & Rodríguez 2020, pp. 423, 428). No Porto, Rui de Serpa Pinto compromete-se com o procedimento que levará ambos a tornarem-se sócios da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e aproveita para insistir na realização de uma Semana Cultural, que adiante abordaremos; na Sociedade Martins Sarmento conhecem Alberto Vieira Braga.

Não se estranha, por isso, que, a 2 de Outubro, ainda de 1928, se vejam aceites como membros do SEG, na mesma sessão, Alberto Vieira Braga, Cláudio Basto, Félix Alves Pereira, Mendes Correa e Rui de Serpa Pinto, o mais jovem e o primeiro português que, com certeza, completou plenamente a sua adesão através da apresentação do obrigatório trabalho original, o que fez na sessão de 1 de Dezembro desse ano, dissertando sobre *Os petróglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal* (IEG–SEG Actas lv. 2), pouco depois publicado na revista *Nós*. Seguiu-se Mário Cardozo, proposto por Bouza Brey e López Cuevillas (Rodríguez & Rodríguez 2020, p. 198), que ratificou o seu ingresso com o trabalho *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, levado

⁹ Dada a sua muito longa e multifacetada actividade de investigador, Leite de Vasconcelos estudou e acompanhou, desde as décadas finais do século XIX, diversas temáticas em discussão na Galiza (Torres Feijó 1999, p. 307 e ss.). O SEG teria valorizado, sobretudo, as suas vertentes de arqueólogo e etnógrafo (Calo & Soeiro 2017; Soeiro 2020).

¹⁰ Também José Joaquim Nunes, entre outros portugueses, pertence ao grupo de académicos correspondentes da Real Academia Galega, desde 1910 (Carré 1967; Redacción 1943, pp. 491-492). Como dissemos, participou no congresso de 1919 do Instituto de Estudios Gallegos, da Corunha, onde apresentou uma apreciada comunicação sobre a origem da língua galega.

à sessão de Novembro de 1929 e também publicado naquela revista. Não sabemos se o texto de Alberto Vieira Braga inserido no volume 3 do *Arquivos* SEG será a sua prestação para ingresso (Fig. 2). Outros portugueses aderiram ao SEG, como compulsado na tabela seguinte (IEG–SEG Actas; Mato 2001, pp. 145–151).

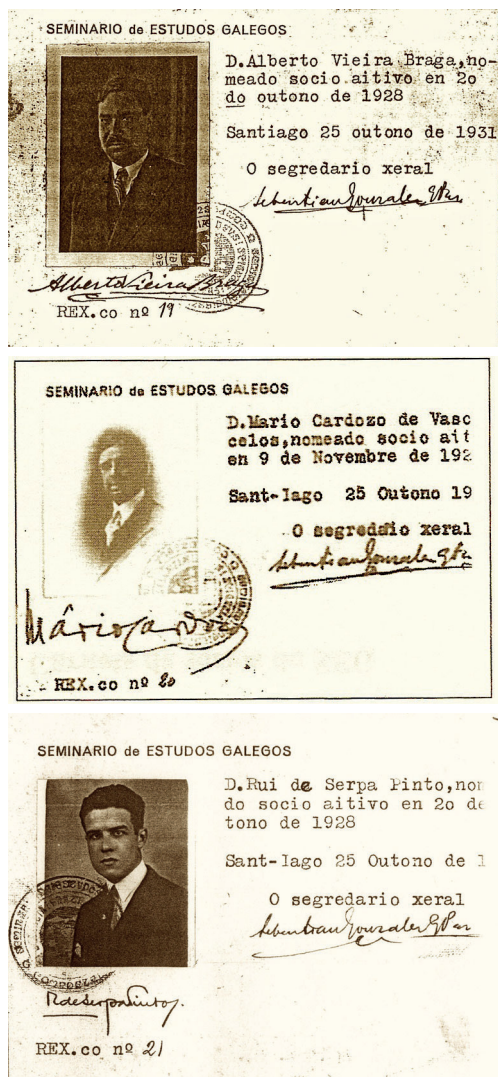


Fig. 2. Cópia de alguns cartões de sócio dos membros portugueses do Seminario de Estudos Galegos (IEG–SEG)

Tabela 1. Sócios portugueses do SEG

nome	residência	proposta	admissão	ingresso
João Caetano Silva Campos	(Viana do Castelo)	1927/04/22	1927/04/24	
José Cervaens Rodríguez (ascendência espanhola)	(V. do Castelo e Porto)	1927/04/22	1927/04/24	
Júlio Lemos	Viana do Castelo	1927/04/22	1927/04/24	
Eugénio Jalhay	Lisboa	1928/01/28		
José Joaquim Nunes	Lisboa	1928/02/18	1928/03/03	
Alberto Vieira Braga	Guimarães	1928/10/02	1928/10/20	
António Augusto Mendes Correa	Porto	1928/10/02	1928/10/20	1932/05/16 *
Cláudio Basto	Viana do Castelo	1928/10/02	1928/10/20	
Félix Alves Pereira	Lisboa	1928/10/02	1928/10/20	
Rui de Serpa Pinto	Porto	1928/10/02	1928/10/20	1928/12/01**
Mário Cardozo	Guimarães	1928/08(?)	192?/11/09	1929/11/09***
Fernando Castro Pires de Lima	Porto		1931/10/26	1931(?) ****
Armando de Matos	Porto	1931/10/26	1931/11/02	
José Leite de Vasconcelos	Lisboa		< 1932/03/30	
J. Rodrigues Santos Júnior	Porto		1932 (?)	
Sérgio de Sousa		1933/02/02	1933/02/02	
Joaquim Alberto Pires de Lima	Porto	1935/04/05		
Pedro Vitorino Ribeiro	Porto	1935/04/05		
Alberto Virgílio Baptista	Guimarães	1935/10/17		

Fonte: elaborado pelos autores.

* apresentou o tema original: *Cale, Portucale e Porto*.
 ** apresentou o tema original: *Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal*.
 *** apresentou o tema original: *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*.
 **** apresentou o tema original: *Afinidades galaico-minhotas do cancioneiro popular*.

Os seguintes sócios portugueses do SEG publicaram trabalhos nos dois *vozeiros* da investigação galeguista, a revista *Nós* e os *Arquivos*:

- Pinto, Rui de Serpa - Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal. *Nós*. Ourense nº 62 (1929/2/15), p. 19-26 (o SEG fez separata).
- Cardozo, Mário - Jóias arcaicas encontradas em Portugal. *Nós*. Ourense nº 72 (1929/12/15), p. 207-218 e nº 75 (1930/3/15), p. 43-63 (o SEG fez separata).
- Braga, Alberto Vieira - O culto da alfândiga e dos cravos. No amor e na crença. Esboço etnográfico. *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 3 (1929), p. 105-136.
- Lima, Fernando Castro Pires de - Afinidades galaico-minhotas do cancionero popular. *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 4 (1932), p. 237-252.
- Santos Júnior, J. R. - As telhas do meu telhado (Nota etnográfica). *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 6 (1933-34), p. 103-124.
- Correa, A. A. Mendes - Cale, Portucale e Porto. *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 6 (1933-34), p. 159-213.
- Cuevillas, Florentino; Pinto, Rui de Serpa - Estudos encol da Edad do Ferro no Noroeste da Península. As tribus e a súa constituzón política. *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 6 (1933-34), p. 261-293.
- Cuevillas, Florentino; Pinto, Rui de Serpa - Estudos encol da Edad do Ferro no Noroeste da Península. A relixió. *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 6 (1933-34), p. 295-367.

3.1. Primeiro ensaio de uma *Semana Galega*, 1929

Estabelecida a referida rede de contactos e mútua aceitação nas instituições portuguesas e no Seminario, a atenção dirige-se para a programação do evento a celebrar em 1929, a *Semana Galega do Porto*^[1],

¹¹ Em 1920, Cervaens Rodríguez e Villar Ponte ensaiaram uma primeira *Semana Galaico-Portuguesa*, que não se concretizou (Villares Paz 1983, p. 310). Não a consideramos neste trabalho, uma vez que o contexto e os protagonistas são outros. O primeiro propõe também, para o ano seguinte, uns *Jogos Florais Luso-Galaicos* no Porto (Beramendi 2007, p. 647).

que durante meses será organizada por Mendes Correa^[12] e Cuevillas (IEG–SEG Actas lv. 2), contando, de facto, em Portugal, com o trabalho de Rui de Serpa Pinto, secretário da SPAE. Pela correspondência, onde é mencionada pelo menos desde Maio de 1928, sabemos que inicialmente pensavam atribuir as conferências previstas a “Iglesias e tamen a Cadarso que xa é coñecido en Portugal”, decorrendo simultaneamente uma exposição de artes plásticas e um espectáculo musical com a Polifónica de Pontevedra (Rodríguez & Rodríguez 2020, pp. 423, 432–436). Porém, interesses da política e valores éticos irão bloquear esta iniciativa.

Para tentar compreender os motivos de tal desfecho, atentemos no que se passava nas capitais: como publicou Carlos Pazos (2011, pp. 54–56, 67–69), de Madrid teria partido, no final de 1928, a proposta de realizar uma *Semana Portuguesa* na Galiza, para melhor se dar a conhecer o país e as suas potencialidades, iniciativa que colheu o apoio da bem implantada comunidade galega instalada em Lisboa, desejosa de se redimir do estigma negativo acumulado pelas anteriores gerações de imigrantes^[13].

No início, o intento motivou grupos portugueses com interesses desencontrados como era o da *Seara Nova*, revista de republicanos, na qual a temática galega tinha lugar desde 1921 (Ventura 1987–1988, pp. 145 e ss.), e o *Diário de Notícias*, onde sobressaía António Ferro. Este caminho Madrid/Lisboa/Galiza começou por receber o acordo de personalidades e da imprensa galeguista, sendo mencionado em *El Pueblo Gallego* (1929/01/4), *A Nosa Terra* (1929/03/01) e na revista *Nós* de Março de 1929 (63, p. 56). Mas nesta é já posto em paralelo com aquela outra iniciativa, noticiada no número anterior, de uma *Semana Galega no Porto* ancorada do Norte de Portugal, que partira da universidade portuense e contava com a parceria privilegiada do SEG:

¹² A capacidade mobilizadora e organizativa de Mendes Correa vai ser uma característica fundamental na sua intervenção como universitário e político, quiçá bem mais impactante do que a obra científica, ao menos na área das humanidades. Para a sua biobibliografia *vd.* Matos 2012 e Henriques 2013.

¹³ Sobre a polissemia do termo *galego* na linguagem comum portuguesa, *vd.*, por exemplo, Marçal 1954, corroborado em Taboada 1955, também para Galiza e no âmbito peninsular. Para o imagotipo português dos galegos e da Galiza nos últimos séculos, Pazos 2011.

Estáse preparando pra esta primavera unha Semán Galega na cidade do Porto, en cuia organizazón colaboran valiosos elementos d'aquela ilustre Universidade e do Seminario d'Estudos Galegos. O antusiasmo con que foi acollida a ideia pol-os nosos amigos do país irmau e pol-os intelectuás d'eiqui fai agardar un grande éisito e un gran avance na fraternal cordialidade das duas terras e na colaborazón espiritual dos seus homes d'estudo. NÓS, que sempre tivo com'um dos seus fitos primordiás a comunidade culural luso-galaica, adírese dende logo co a meirante ledicia a tan fermoso emprendimento, e adicará un número à dita festa (*Nós*, 62, p. 34, de 1929/02).

De facto, não parece haver relação entre estas duas propostas. A que procedia das capitais teria em vista desfrutar do bom momento de relacionamento entre os dois países ibéricos, ambos governados por ditaduras de direita, e, no lado português, ajudar a levar à ribalta da política um homem – António Ferro, futuro líder da propaganda do Estado Novo, que logo se apropriou da ideia e procurou dar-lhe força a partir do *Diário de Notícias* e do estabelecimento de contactos oficiais e jornalísticos na Galiza e em Madrid, incluindo uma entrevista com o governante Miguel Primo de Rivera.

Por todas estas ligações, a revista *Seara Nova*, da mesma forma que inicialmente havia manifestado o seu apoio elogioso, afirmando “nós já estamos habituados, de resto, às provas de estima dos galêgos. Portugal é que ainda não mostrou à Galiza o seu reconhecimento e a amizade que deve sentir pelos seus irmãos de além-Minho” (Oliveira 1928), vai depois desmascarar tão indecoroso aproveitamento (1929/04/01). Argumenta:

tudo quanto seja estreitar os laços que nos unem à Galisa merece o nosso aplauso (...) o que não está certo (...) o que não pode pelo menos passar sem o nosso protesto (...) é que essa idea tão simpática e tão generosa se transforme num instrumento de propaganda do Diário de Notícias e num meio do sr. António Ferro satisfazer a sua vaidade e as suas ambições. Os galegos conhecem-nos e não se deixaram enganar pelo sr. António Ferro (...) servindo-se desta idea impudicamente (...) para fazer o seu réclame, estragará o projecto, destruirá o sonho dos galegos e dos portugueses sinceros, e cobrirá de ridículo, como sempre, as nossas aspirações (Oliveira 1929).

O impacto desta clarificação, secundada do exterior por bem conhecidos expatriados portugueses da *Liga de Paris*, levou a que na Galiza se apercebessem do equívoco em que tinham sido induzidos, demarcando-se publicamente Antón Villar Ponte, no jornal *El Pueblo Gallego* (1929/05/15), da *Semana Portuguesa*, sumariamente efectuada (Marco 1996, p. 202).

A Ditadura lusa teria nesse mesmo ano de 1929 espaço de eleição para a propaganda nacional junto do país vizinho, fazendo-se representar ao mais alto nível na Exposição Ibero-Americana, que foi visitada pelo próprio presidente da república, Óscar Carmona, em périplo por Madrid, Barcelona e Sevilha, de 17 a 25 de Outubro (Torre Gómez 1998a, p. 127 e ss). Meses antes decorrera a *Exposição do Livro Português em Madrid*, acompanhada por um ciclo de conferências amplamente divulgado. A Galiza estava secundarizada, ficava demasiado longe tanto de Lisboa como de Madrid.

A Norte, onde se preparava o encontro desde o ano de 1928, quando Mendes Correa fizera uma digressão pela Galiza acompanhado por membros do SEG e o debatera, em Pontevedra, ainda com Lousada Diegues (MP Filgueira, 227-2), não foi possível ficar alheio àquela polémica. O SEG, que em acta da reunião de 6 de Março de 1929 acordara “agradecerle expresamente a los Srs Mendes Correa, Sobrino, Serpa Pinto y Cuevillas sobre la organización de la Semana del Seminario de Estudios Galegos en Oporto” (IEG-SEG Actas lv. 2), recebe inesperadamente uma missiva de Mendes Correa, lida na sessão de 22 de Abril, a transmitir que se vira na obrigação de adiar para melhor ocasião a Semana planeada em conjunto (IEG-SEG Actas lv. 2), “por circunstancias independentes da sua vontade e da daqueles que o rodearam, acorrendo ao seu chamamento” reforça Santos Júnior, quando volta ao assunto em 1935 (*Séc.* 1935/03/28). No volume de 1929 da revista *Portucale*, dirigida por Cláudio Basto e Pedro Vitorino, encontramos eco desta primeira iniciativa, já pensada como *Semana Galega* no Porto e, em simetria, *Semana Portuguesa* na Galiza, sugerindo-se também uma *Exposição do Livro Galego* (*Portucale* 2 1929, p. 63).

Como vimos, quase todos os portugueses envolvidos nesta programação eram eles próprios membros do SEG, tinham uma continuada prática de troca de correspondência e de trabalhos com os seus pares galegos – sirvam de exemplo os epistolários de Santos Júnior (Alonso

Estraviz 2011) e de López Cuevillas (Rodríguez & Rodríguez 2020), de visitas e de presença conjunta em reuniões científicas, que continuaram a fazer-se. Destacamos, pela proximidade ao evento que nos interessa, o convite institucional (IEG–SEG Actas Iv. 3, 1933/05/31) à participação na *Homenagem a Martins Sarmiento*, realizada em 1933 por iniciativa da Sociedade Martins Sarmiento (*A Comemoração* 1933), que deu origem à publicação para a qual enviaram textos Bouza Brey, López Cuevillas e Vicente Risco¹⁴, e para deslocação ao Porto, por ocasião da Exposição Colonial (Cunha 2007, pp. 143–144) e Congresso Nacional de Antropologia Colonial, de 1934, organizado pela SPAE.

Lembremos ainda que a valorização dos intelectuais e artistas galegos não se confinava ao Noroeste. Na capital, a restaurada (1932) Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa, a que presidia José de Figueiredo, nomeia por unanimidade para sócios, em 1933, Vicente Risco e Alfonso Castelao, entre outros vultos da cultura internacional. José de Figueiredo conhecera Castelao, e certamente também Risco, em 1921, no decurso de uma viagem de investigação sobre arte medieval que o levou à Galiza (Ventura 1987–1988, p. 143; Varela Punhal 2000, pp. 1028–1030).

3.2. Entre a *Semana Portuguesa em Vigo* (1933) e a frustrada *Semana Cultural* de 1934

Não é no anterior patamar de relações culturais que podemos inserir uma outra iniciativa do ano de 1933, malgrado a proximidade da designação: a *Semana Portuguesa em Vigo*. Decorreu entre 26 de Março e 2 de Abril, programada como mostra/feira de potencialidades e festa popular, promovida pelo estado português.

¹⁴ A publicação teve por organizadores António Augusto Mendes Correa, Alberto Vieira Braga e Mário Cardozo, homens fundamentais na Semana de 1935. Entre autores de nove países, destacamos os textos dos investigadores galegos: F. Bouza Brey - *Máscaras galegas de origem prehistórica* (pp. 73–82); Florentino Lopes Cuevillas - *A área xeográfica da cultura norte dos castros* (pp. 99–107) e Vicente Risco - *Notas en col do culto do lume na Galiza* (pp. 342–345) (*Homenagem* 1933). Depois desta colaboração, passaram a ser sócios correspondentes da Sociedade Martins Sarmiento (Redacção 1933, pp. 39–40).



Fig. 3 Notícia de O Comercio do Porto (1933/03/30) onde se reproduz o cartaz da Semana Portuguesa em Vigo (rep. BPMP)

Em Vigo, *a mais alegre cidade galega*, na notícia do enviado especial de *O Comércio do Porto* (1933/03/23)^[15], estava fixada uma importante colónia portuguesa e o seu porto, que disputava clientela ao do Douro/Leixões, era usado por muitos dos que queriam emigrar para as américas (sobretudo *sem papéis*). As ruas foram engalanadas com bandeiras e luzes, no primeiro dia as autoridades políticas inauguraram a *Exposição de Produtos Portugueses*, no segundo procederam ao descerramento, na praça com o seu nome, de uma placa de homenagem do *Centro Hijos de Vigo* ao herói João de Almeida Sousa e Sá, que ajudou à reconquista da cidade ocupada pelos franceses, em 1809. Houve festival desportivo no estádio Balaídos, várias actuações da Banda da GNR de Lisboa, exercícios com submarinos espanhóis na baía e festa popular com ranchos de Viana na alameda (Fig. 3).

¹⁵ Outros diários acompanharam o evento (Cunha 2007, p. 35 e ss.). *O Primeiro de Janeiro* (1933/03/23) precede-o com um texto de Júlio Dantas dedicado à *Galiza*, onde enfatiza a necessidade de Portugal conhecer melhor este vizinho que tanto o aprecia. No *Diário de Lisboa* (1933/03/10 e 03/25) dirigido por Joaquim Manso, conferencista em Vigo, publicam-se duas crónicas em que se realça a afinidade galaico-portuguesa, seja no domínio da natureza, seja linguística, étnica ou idiossincrática, uma terra irmã que a história política apartou de Portugal.

A esta clássica celebração de propaganda de estado, ao que parece montada de forma algo atabalhoada, a *política do espírito* juntou um toque pretensamente erudito, duas conferências: uma, sobre Ramalho Ortigão, feita por Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*^[16]; outra, em diálogo, protagonizada por António Ferro e Fernanda de Castro. Com tais intervenientes aproximamo-nos, no geral, da proposta rejeitada em 1929, versão de massas. Só no consulado do Porto foram passados mais de quinze mil vistos para portugueses que quiseram participar nesta *romaria* (CP 1933/03/25, 26, 29–31)^[17].

Não caiu, porém, no esquecimento a *Semana Cultural Galega*, nem esmoreceram as vontades. Em carta de Maio de 1932 dirigida a Santos Júnior, Cuevillas, membro da comissão de 1929, explica a este novo elemento do SEG que:

A Semana Galega en Porto e unha das mais caras ilusíons da gente do Seminario. Ora, que quixeríamos todos que fose unha cousa o mais representativa posíbel da actividade intelectual de Galicia. Poderíanse dar conferencias sobre arte e ciencias e celebrar asimesmo unha exposición de pintura galega. Deberíase tamen traer a colaborar a Misión Bioloxica de Galicia (...) e por último sería esencial o levar a Coral Polifónica de

¹⁶ Joaquim Manso publicou, no contexto desta deslocação a Vigo, uma simpática notícia intitulada *A Galiza*, com que ocupou o espaço central da primeira página do número do jornal de 1933/03/10. Caracterizou o evento como “uma singela, mas sincera manifestação de cordealidade, sem outro significado que não seja este - apertar lealmente a mão ao nosso vizinho, dizendo-lhe: - Se o Minho nos separa, une-nos o coração”. Esta foi também a mensagem do cartaz que publicitou a Semana Portuguesa de Vigo, duas mãos, uma partindo da Galiza e outra do Sul do Minho, que se cumprimentam (CP 1933/03/30). A 25 do mesmo mês, na véspera da inauguração, esta realização volta a ocupar todo o espaço central da primeira página.

¹⁷ Não foi iniciativa única. Por exemplo, no final de Maio de 1935 terão lugar as festas de Cáceres em honra de Portugal; durante a primeira metade do ano de 1936 preparava-se a *Semana Galaico-Minhota* ou *Semana Galega no Entre-Douro-e-Minho*, em Braga, tendo os delegados da comissão organizadora procurado assegurar apoios junto dos responsáveis diplomáticos, autoridades civis, representantes da Câmara do Comércio, da Federação Desportiva (jogo de futebol masculino e de hóquei feminino de equipa do Minho com uma da Galiza), etc. Para a componente cultural, solicitaram a colaboração do SEG e da Real Academia Galega, obtendo o compromisso de uma conferência ser feita por Otero Pedrayo, outra por Castelao e uma terceira a cargo da Real Academia. Não se veio a concretizar (CP 1936/01/03).

Pontevedra que daria a conecer a mais de outras cousas o noso folklore musical antigo e moderno (Alonso Estraviz 2011, p. 42).

Entretanto, a 23 de Março de 1933, morre Rui de Serpa Pinto, o principal elo no diálogo regular entre a SPAE e o SEG, que regista em acta (28 Março) o seu sentimento de pesar e encarrega Bouza Brey de escrever a notícia necrológica, enquanto Carro e Pedret rezariam algumas missas por este companheiro (IEG–SEG Lv. Actas 3). Em 1935, na abertura da *Semana*, a homenagem foi renovada junto da sua tumba^[18].

Pela parte dos portuenses, caberá a Mendes Correa sustentar a chama, e vemo-lo expressar esse desígnio por diversas vezes, insistindo na realização da *Semana* em carta enviada ao SEG, discutida a 19 de Abril de 1933 (IEG–SEG Lv. Actas 3). Como o assunto necessitava de maturação, dado ser de organização complexa e com custos, foram consultados os conselheiros. Esquissado o programa desde 1932, pareceu ao Seminário como mais conveniente para o realizar a Primavera de 1934. Mantinham-se as conferências sobre história, arte e economia; a exposição de arte com obras de Castelao, Maside, Colmeiro, Eiroa, etc.; a actuação da Polifónica de Pontevedra, o necessário para “dar no que se presente unha sensacion de cousa articulada, perfecta, estrita e elegante” (Rodríguez & Rodríguez 2020, pp. 322, 221–222).

No Verão de 1934, Santos Júnior passa em Pontevedra e na carta de agradecimento a Filgueira Valverde reforça a possibilidade de a *Semana* ser concomitante com a vinda da Polifónica (MP Filgueira, 227–1). Mas, da sua posterior correspondência (Alonso Estraviz 2011, p. 398 e ss.) infere-se que os elementos da Universidade do Porto foram surpreendidos, no início de Setembro de 1934, com o anúncio nos periódicos portugueses de uma grande exposição de artistas galegos no Salão Silva Porto, daí deduzindo que a *Semana*, no seu todo, estava

¹⁸ Com o desaparecimento de Rui de Serpa Pinto, habitual interlocutor entre a SPAE e o SEG, esta função ficou, ao menos em parte, a caber a Santos Júnior. Mais interessante é verificar como Cuevillas, que tinha iniciado a investigação para os *Estudos encol da Edade do Ferro no Noroeste da Peninsula* com Rui de Serpa Pinto, na sua falta tenta passar essa tarefa para Santos Júnior (carta 26/3/1933), insistindo durante anos para que ele reveja os capítulos sobre a actividade económica e o traje, ou mesmo o dedicado aos nomes indígenas.

já em marcha^[19]. Santos Júnior escreve a 7 de Setembro: “vi um destes dias, nos jornais do Porto, anunciada uma exposição de artistas galegos no Salão Silva Porto em Outubro proximo. Por isso concluo que a ideia de vinda a Portugal de missão artistica e intelectual galega vai por diante” e aproveita para pedir o programa, cujo rascunho será enviado a Mendes Correa^[20] a 1 de Outubro, pensando-se ainda que tudo iria decorrer nesse mês, sendo posteriormente adiado para meados de Novembro (MP Filgueira, 227-1).

La Voz de Galicia, na edição de 1 de Setembro, já referia aquela outra iniciativa, a deslocação da Polifónica, acordada em reunião com o cônsul de Portugal e a Casa de Espanha no Porto. A data apontada para a realização ainda era o dia 15 desse mês, confundindo-se com a Exposição Colonial, onde vieram outros agrupamentos musicais galegos.

No Instituto de Antropologia, embrenhado no Congresso de Antropologia Colonial, só a 29 de Outubro^[21] houve disponibilidade para reunir com as autoridades académicas e figuras de destaque (Fig. 4), elegendo-se a comissão central organizadora da *Semana*, formada



Fig. 4 Reunião das comissões organizadoras da Semana Cultural Galega, na Faculdade de Ciências UP, a 29 de Outubro de 1934 (JN 1934/10/30, rep. BPMP)

¹⁹ Nas páginas do jornal *O Primeiro de Janeiro*, o seu director, Marques Guedes, como que preparava o público para o próximo evento com uma série de crónicas intituladas *Portugal e Galiza*, interpretando esta relação na linha dos galeguistas tradicionais: I *O mesmo meio*, II *A mesma língua*; III *A mesma alma* (PJ 1934/08/10-12; Machado 2003). No mesmo periódico, mais próximo do evento, também Nuno Simões escreveu sobre esta relação, notícia intitulada *Intercambio Luso-Galaico* (PJ 1934/11/10).

²⁰ Mendes Correa concordou com o programa e iniciou a preparação logística, declinando apenas a conferência sobre o SEG, que lhe estava atribuída, por cansaço e problemas familiares (doença e falecimento da mãe). Viria a ser proferida por Santos Júnior.

²¹ A carta circular, assinada como *sócios do Seminario*, foi expedida pelo Instituto de Antropologia a 25 de Outubro e convidava para uma reunião preparatória “para se tomarem resoluções sobre a organização no Porto, de acordo com o Seminario de Estudos Galegos, duma série de manifestações culturais galaicas”. FCUP: Biblioteca - Arquivo do Instituto de Antropologia. Também BMTM-FSJ 129/513.

por Joaquim Pires de Lima (Faculdade de Medicina), Mendes Correa (Faculdade de Ciências), Joaquim Lopes (Faculdade de Belas Artes) e Angel Vasquez Henriques (galego residente na cidade, proprietário do Hotel do Porto), sendo secretário Santos Júnior (Faculdade de Ciências)^[22]. Fez-se mesmo papel timbrado e o esboço de um logótipo (Fig. 5).

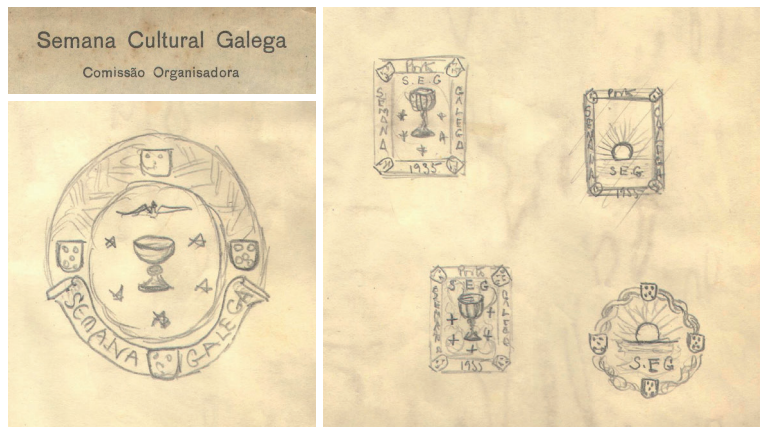


Fig. 5 Papel timbrado e esboços para o logótipo da Semana Cultural Galega, feitos em 1934 (BMTM-FSJ)

²² Agrupava a Comissão de Honra diversas autoridades, como o Governador Civil, Presidente da Câmara, Comandante da Região Militar, Bispo, Reitor U. Porto e directores de faculdades, reitores dos liceus, Director do Conservatório de Música, o Cônsul e o Presidente da Casa de Espanha, etc. Na Comissão Científica ficaram os professores J. A. Pires de Lima, Gonçalo Sampaio, José de Oliveira Lima, Amândio Tavares e António Barbosa. À Comissão de Arte pertenciam Aarão de Lacerda, Joaquim Lopes, Pedro Vitorino e Luís Costa. Na Comissão de Festas e Propaganda estavam Angel Vasquez, Cervaens Rodríguez, Alfredo Ataíde, Fernando Pires de Lima e os representantes da imprensa. Apoiaram Armando de Matos, Vasco Valente, Alberto Silva e Dominguez Alvarez, além das Câmaras Municipais do Porto, Vila Nova de Gaia, Guimarães e Vila da Feira, a Sociedade Martins Sarmento, a Sociedade de Amigos do Castelo da Feira e a Casa de Espanha (*Séc.* 28/3/1935; *CP* 1934/10/30; *PJ* 1934/10/30). Voltou a reunir várias vezes em Novembro (*PJ* 1934/11/ 09, 14, 21; *Séc.* 1934/11/13). Em 1935 haveria mais uma Comissão de Senhoras Portuenses, encarregada de receber e acompanhar as excursionistas, formada por Cornélia Dantas Salgado, Carmen Mendes Correa, Maria Emília de Oliveira Lima, Maria Henriqueta Pires de Lima e Maria Clementina Pires de Lima.

Aprazada a *Semana* para os dias 25 a 30 de Novembro, o secretário continua a pressionar Filgueira Valverde e o Seminario para que enviassem com urgência o programa definitivo e outros elementos de divulgação, bem como o número de participantes (BMTM-FSJ 130/513). Mas, se a confiança de que terá mesmo lugar permite minudências, como Filgueira indagar a forma adequada de os visitantes trajarem na inauguração, conferências e actos sociais, já a maneira vaga como o programa é passado à imprensa por Santos Júnior espelha a sua preocupação. Apenas soube noticiar que a chegada dos primeiros conferencistas estava prevista para 24, tendo então lugar a abertura da Exposição, no dia seguinte faria ele próprio uma intervenção historiando o trabalho do SEG e outras duas haveria a 26, de divulgação sobre *artes e letras*. O autocarro com os demais membros do Seminario era esperado apenas no sábado 27, durante o domingo fariam visitas e a reunião com os membros portugueses, a segunda-feira reservava-se para as conferências científicas. Na noite de 29 actuava a Sociedade Polifónica de Pontevedra, com novo espectáculo a 30, no encerramento da *Semana* e da *Exposição*. Das conferências não existia relação exacta ou títulos. Previa-se que Otero Pedrayo e Risco dissertariam sobre Etnografia e História, Sebastián González e Carro na área da Arte Antiga, Cuevillas em Pré-história, Castelao falaria de assuntos de arte e outros – Luís Iglesias, Parga Pondal, Gallesteri e Osorio Tafall – apresentariam *trabalhos científicos* (MP Filgueira, 227-1; BMTM-FSJ 135/513; *PJ* 1934/10/30 e *JN, CP, Séc.* 1934/10/30)^[23].

A 18 de Novembro, Aarão de Lacerda ainda escreve na imprensa que havia intenção de abrir nesse ano a exposição de arte, comissariada por Dominguez Alvarez e Folgar Lema^[24]. No mesmo número de *O Comércio do Porto*, Santos Júnior relembra que a cidade se preparava para receber uma notável embaixada de intelectuais e artistas galegos, para a exposição de arte, o ciclo de conferências e as actuações musicais. O mesmo alerta fizera por esses dias (1934/11/13) Angel Vasquez, na abertura das aulas das Escolas Miguel Cervantes. Mas, Luís Iglesias

²³ Nas notícias de *O Século* de 1934/11/13 ou de *O Comercio do Porto* do dia seguinte pouco mais se adianta em precisão, ainda estavam em falta os títulos e o alinhamento do programa.

²⁴ Lacerda, Aarão - A arte galega no Porto (*CP* 1934/11/18). A notícia foi glosada nos periódicos galegos, apontando o mês de Fevereiro de 1935 para a abertura da exposição (*VG* 1934/11/27).

já havia enviado, a 14 desse mês, um telegrama e uma carta dando indicação de que a iniciativa tinha de ser reagendada^[25], de preferência para a primavera seguinte, durante a interrupção escolar de Páscoa (BPTM-FSJ 116, 120, 124/513), como foi comunicado à imprensa (CP 1934/11/21). Concretizaram-se apenas os dois concertos da Sociedade Polifónica de Pontevedra, no Carlos Alberto (CP 1934/11/25 e 27; PJ 1934/11/27). Antes actuara em Lisboa e Coimbra, com idêntico sucesso (VG 1934/11/25-28).

Assim, o atraso nos preparativos e a *sublevação* de Outubro de 1934 em Espanha obrigaram a adiar novamente esta tão desejada realização, pois não estaria garantido que os professores fossem autorizados pelo governo de Madrid a deslocar-se a Portugal em período lectivo ou, como bem expressa Cuevillas: “está visto que Dios non quer que celebremos a nosa xuntanza. Agora que tiñamos todo preparado veu a revolucion a pechar a fronteira e a facernos adiar as gratas horas que pensabamos pasar no Porto” (Alonso Estraviz 2011, p. 56).

4. A *Semana Cultural Galega* de 1935

Em 1935, num período de apaziguamento entre a República espanhola que virara à direita depois das eleições de Novembro de 1933 (mais ainda após Outubro de 1934), declarando-se agora contra qualquer propósito de federalismo ibérico (Torre Gómez 1998b, p. 65 e ss.), e o Estado Novo português em que Salazar se sentia seguro no poder, chegou finalmente o tempo de cumprir o desejo, fazer a *Semana Cultural Galega* no Porto. A organização continuou alicerçada na Universidade do Porto^[26], com particular destaque para a Faculdade de Ciências, a que pertencia o

²⁵ Desde 6 de Novembro que Filgueira expusera a Santos Júnior estas dificuldades, porque além de vários membros do SEG terem sido chamados para tomar parte em *oposiciones* em Madrid, “as mesmas circunstancias que atravesou a Hespânia fai poucos dias tan dolorosas, non invitavan a viaxes internacionais”. Mas iam tentar cumprir o programa o melhor possível (MP Filgueira, 227-1).

²⁶ O Instituto Histórico do Minho sentiu-se mesmo ostracizado pela organização, o que lamentou dadas as suas ligações ao SEG. Enviou um telegrama de saudação mas não se fez representar (BMTM-FSJ 15/469 e 4/513). Já a Sociedade Martins Sarmiento integrou a Comissão de Honra e reservou um dia da *Semana* para a visita a Guimarães, como se verá (BMTM-FSJ 41/513).

Instituto de Antropologia dirigido por Mendes Correa, o presidente da Comissão, e Santos Júnior, que lhe serviu de secretário.

Como dissemos, este sócio do SEG, ao deslocar-se à Galiza em Agosto de 1934 para participar no congresso da Asociación Española para o Progreso de las Ciencias^[27], aproveitara o ensejo para visita à sede daquela instituição no Colexio Fonseca e de seguida passara por Pontevedra, ao encontro de Filgueira Valverde, daí resultando o reavivar da ideia da *Semana* (Séc. 1935/3/28). Viera fascinado, para ele:

esta agremiação científica marca na vida intelectual de Santiago um lugar de inconfundível destaque. A ânsia de conhecer profundamente a terra galega, de saber das suas riquezas, necessidades e interêsses, é o lema do admirável grupo de intelectuais que, cheios de mocidade e de entusiasmo, se congregaram para o progresso e exaltação da cultura galega (Santos Júnior 1934, p. 387).

Deslocou-se de novo à Galiza expressamente para renovar a sua organização, de 1 a 4 de Fevereiro de 1935, sendo a despesa, assim como outras desta fase preparatória, financiadas pela cotização dos próprios elementos da Comissão Organizadora, no montante de 50\$00 cada (BMTM-FSJ 76, 85, 11, 114/513).

Para a Faculdade de Medicina, governada por António de Almeida Garrett, previam-se sessões da especialidade. A ela estavam também ligados Joaquim Pires de Lima, membro da Comissão, e Hernâni Monteiro, todos amigos do há pouco desaparecido reitor Alejandro Rodríguez Cadarso. As conferências de Ciências Sociais e Humanas dispersar-se-iam, na falta de uma Faculdade de Letras, que fora extinta pela ditadura no início da década.

Discutiu-se ainda, na reunião preparatória de Março (PJ 1935/03/12), a intenção de inaugurar a exposição de arte galega, a decorrer em simultâneo com a *Semana*, e certamente por isso encontramos na comissão organizadora, como no ano anterior, Joaquim Lopes, Pedro Vitorino, Vasco Valente, Alberto Silva e Domínguez Álvarez. O prospecto com

²⁷ XIV Congreso de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, celebrado em Santiago (o de 1932, organizado pela Associação Portuguesa para o Avanço das Ciências, tinha sido em Lisboa). Participaram vários investigadores portugueses como Virgílio Correa, Mário Cardozo, Luís de Pina e Santos Júnior.

a convocatória para apresentação de trabalhos e regulamento de participação na *Exposicion de Arte Gallego* havia sido publicitado no mês de Dezembro de 1934 (Fig. 6), sob a curadoria de M. Tito Vázquez, Francisco Asorey, Juan Luís López, Manuel Miranda, Elvira Santiso, Francisco del Río e Antonio Folgar Lema (BMTM-FSJ 70/513). Apesar de no final do mês de Março (CP 1935/03/30) haver um espaço alugado pela Câmara do Porto e estar acautelada a tramitação das obras de arte na alfândega (BMTM-FSJ 35, 64, 65/513), a exposição não se concretizou por falta de verba e pouca receptividade dos artistas galegos de maior craveira (BMTM-FSJ 36/513).

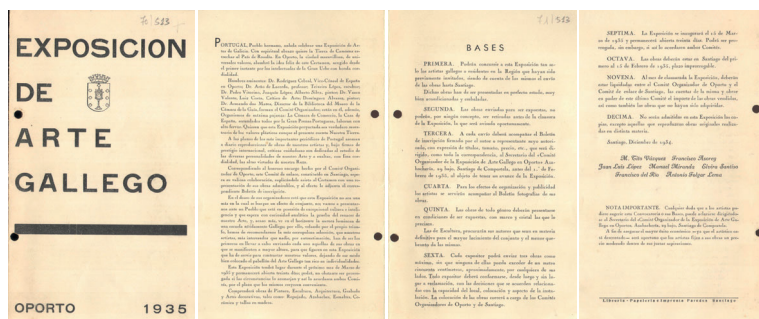


Fig. 6 Convocatória para apresentação de trabalhos e regulamento de participação na Exposicion de Arte Gallego, a realizar em 1935 (BMTM-FSJ)

Alfredo de Magalhães, um raiano do município de Valença, reconhecido professor de medicina com grande obra de intervenção sanitária na cidade e ex-Ministro da Instrução na I República (durante o sidonismo) presidia, desde 1933, à Câmara Municipal do Porto, autarquia que sustentou muitas das actividades sociais, estendidas ao município de Vila Nova de Gaia, onde Armando de Matos, membro da comissão organizadora, era responsável pelos museus, e, inevitavelmente, ao de Guimarães e à Sociedade Martins Sarmento, liderada por Mário Cardozo. O cônsul Rafael Fernandez y Ramos e os responsáveis da Casa de Espanha no Porto acompanharam a estadia da delegação, que compreendia algumas dezenas de membros do SEG, da Universidade de Santiago, suas esposas e outros interessados.

No Porto, os três grandes jornais diários dão ao evento um lugar de relevo, muitas vezes no centro da primeira página, com inúmeras

ilustrações. A imprensa galega foi menos prolixa, como se reconhecia no *Heraldo de Galicia*: “Em general (...) no ha prestado a la Semana Cultural de Oporto la atención que merecía, en contraste con la Prensa portuguesa y aún con parte de la Prensa de Madrid” (1935/04/15), mas também o acompanhou, veja-se por exemplo *El Pueblo Gallego* (1935/03/31 a 04/05/07), *Eco de Santiago* (1935/04/04) e *A Voz de Galicia* (1935/03/28, 04/03, 04, 07, 09). É com as notícias dos periódicos e algumas memórias que fazemos agora uma breve reconstituição do programa^[28] (MP Filgueira, 227-2; BMTM-FSJ 19-29 e 56; *Lembranza* 1976; *PJ*, *CP*, *JN*, *Séc.* 1935/03/30 a 04/09).

4.1. Programa e crónica sumária do evento

30 de Março (sábado)

O periódico *A Nosa Terra* publica na primeira página:

A anunciada celebración da semán galega no Porto organizada pol-o Seminario de Estudos Galegos, que terá unha fonda importancia e sona no orde da cultura galega, dara comenzo hoxe 30 en que sairán para Portugal, de diversos pobos galegos, os congresistas aos que ademais acompañaran moitas persoas que se intresan por estes aitos a celebrar e en xeral pol-o desenrolo admirabel que hoxe leva a nosa cultura (ano 19, 30 Marzo 1935, p. 1).

Saída de Santiago em autocarro. Recepção com almoço em Viana do Castelo, onde os esperava Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, secretário da *Semana*, que proferiu as palavras de boas-vindas, e Armando de Matos, ambos membros do SEG, bem como os representantes da Casa de Espanha (BMTM-FSJ 160/513; Alonso Estraviz 2011, pp. 406-407).

Chegada ao Porto, cumprimentos da Comissão portuense e das autoridades. Lembrança do membro da Comissão entretanto falecido, Angel Vazquez Enriquez, proprietário do Hotel do Porto onde ficaram alojados.

²⁸ Idêntico procedimento, resumido, em Carro Otero 1994; mais extenso e interpretado em Cunha 2003, pp. 288-296 ou 2007, pp. 144-152).

31 de Março (domingo) (Fig. 7)

Manhã – Visita à cidade e seus monumentos, praias da Foz do Douro e Matosinhos

Tarde – Sessão inaugural do *Semana Cultural Galega*, presidida pelo reitor José Pereira Salgado, que decorreu na Faculdade de Engenharia, de que era director Tomaz Dias. No discurso, justificou o evento e saudou os participantes, entre os quais os representantes dos governos de Espanha e Portugal, o Governador Civil e demais autoridades civis e militares.

Seguiu-se a intervenção de A. A. Mendes Correa, director da Faculdade de Ciências e presidente da comissão organizadora, e o agradecimento de Luís Iglesias, vice-reitor da USC e presidente do SEG. Foi ainda orador Joaquim R. Santos Júnior, docente da FCUP e secretário da *Semana*, que historiou o labor do SEG e a relevância da sua intervenção cultural e social. Esta sessão inaugural terminou com uma conferência:

Ramón Otero Pedrayo – *Terra e alma de Galiza* (ou *Vida e alma de Galiza*).

Da parte da tarde, todo o grupo rumou ao cemitério de Agramonte, para depositar um ramo de flores trazido da Galiza na sepultura de Rui de Serpa Pinto, cabendo o elogio deste investigador precocemente falecido (1907–1933) a Fernández del Riego e o responso, em galego, a Xesús Carro.

O dia prosseguiu com a visita a monumentos do aro portuense, terminando com a assistência a um espectáculo teatral.

1 de Abril (segunda-feira) – Conferências (Fig. 8)

Faculdade de Ciências

Luís Iglesias Iglesias – *Principales insectos parásitos del manzano* (ou *Sobre os insectos parásitos da maceira*)

Vicente Risco – *Hipótesis e problemas do folklore galego e português*



Fig. 7 A Semana Cultural Galega nos jornais: sessão inaugural, no dia 31 de Março [CP 1935/ 04/02, rep. BPMP]

Faculdade de Medicina

Fernando Alsina – *Algunas observaciones referentes a la anestesia raquídea* (ou *Mi experiencia de la anestesia raquídea con percaína por el procedimiento de Quarella*)

Almoço no Grande Hotel do Porto

De tarde, os visitantes deslocaram-se à Foz do Douro, estiveram no Instituto de Zoologia Marinha da Universidade do Porto, onde foram recebidos por Augusto Nobre (Fig. 9), e percorreram as obras do porto de Leixões em duas lanchas, que saíram a barra.



Fig. 8 Dia 1 de Abril:
conferencistas [PJ 1935/04/02,
rep. BPMP]



Fig. 9 Dia 1 de Abril: visita
ao Instituto de Zoologia
Marinha da UP [PJ
1935/04/02, rep. BPMP]



Fig. 10 Dia 1 de Abril: sessão
cultural na Casa-Museu Teixeira
Lopes [Vila Nova de Gaia] [CP
1935/04/03, rep. BPMP]

Seguiu-se nova sessão, agora na Casa-Museu Teixeira Lopes (Fig. 10), patrocinada pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia (BMTM-FSJ 62/513), em que intervieram:

Armando de Matos – (Sobre a Casa-Museu e o programa)

Francisco Fernández del Riego – *Arte galego contemporáneo* (ou *A nova arte galega*)

Leonardo Coimbra – *Evocação da Galiza* (ou *Evocação de Rosalía de Castro*)

Terminou com a visita à Casa-Museu, guiada por Teixeira Lopes e acompanhada pela audição de música de órgão.

2 de Abril (terça-feira) – Conferências (Fig. 11)

Faculdade de Ciências

Isidro Parga Pondal – *Ensayo de clasificación cronológica de los granitos gallegos* (ou *Los granitos de Galicia*)

Aniceto Charro Arias – *Análisis bromatológica: composición química dos queixos galegos*

Xesús Carro García – *A cate-dral de Sant-iago e os seus derradeiros descubrimentos*

Faculdade de Medicina

Ramón Rodríguez Somoza – *Sobre*

la anatomía patolóxica dalgunhas formas de parálisis cerebral infantil

Almoço no Grande Hotel do Porto e deslocação à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, onde foram recebidos pelo Vice-presidente Correia Ribeiro e o Administrador do Concelho, visitando de seguida o Monte da Virgem, o Mosteiro da Serra do Pilar e caves de vinho do Porto (Fig. 12 e 13). A Secção de Ciências foi ainda às praias de Francelos, Miramar e Granja, enquanto a de Arqueologia se dirigiu ao Castro do Monte Murado e Castelo da Feira.

A noite terminou com o espectáculo de comédia intitulado *Novos e Velhos*, da Companhia de Maria Matos, no Teatro Sá da Bandeira.



Fig. 11 Dia 2 de Abril: conferencistas (PJ 1935/04/03, rep. BPMP)

90

GALIZA E(M) NÓS

Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português



Fig. 12 Dia 2 de Abril: recepção na Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia (JN 1935/04/03, rep. BPMP)



Fig. 13 Dia 1 e 2 de Abril: visitas (JN 1935/04/03, rep. BPMP)

Neste dia, as montras das livrarias, decoradas com as cores da Galiza, expunham livros de autores galegos.

3 de Abril (quarta-feira) – Conferências (Fig. 14 e 15)

Já assistiu às conferências Alfonso Castela que, chegado na véspera, atraiu a atenção dos jornalistas e do público.

Faculdade de Ciências

Paulino Pedret Casado – *Saco e Arce e os estudos lingüísticos na Galicia do XIX*

Federico Maciñeira – *Las estaciones prehistóricas del Ortegal*

De tarde realizou-se uma viagem em barco no Douro, até Crestuma e Foz do Sousa, proporcionada pela Casa de Espanha, após a qual os convidados foram recebidos pela Associação Comercial, no Palácio da Bolsa, onde tiveram um *porto de honra* (Fig. 14 e 16). As secções de Arte e de Arqueologia visitaram a igreja de S. Francisco e a Misericórdia.

Foi inaugurada, na Faculdade de Ciências, a exposição bibliográfica de iniciativa do SEG e aí teve lugar a *Xuntanza* geral do Seminario.

À noite, récita de gala no Teatro Rivoli, onde se representou o drama lírico *Arroxo*, dirigido pelo autor, maestro Álvarez García.



Fig. 14 Dia 3 de Abril: entre conferências e passeio no rio Douro (CP 1935/04/04, rep. BPMP)



Fig. 15 Dia 3 de Abril: conferencistas (JN 1935/04/04, rep. BPMP)



Fig. 16 Dia 3 de Abril: passeio de barco oferecido pela Casa de Espanha (JN 1935/04/04, rep. BPMP)

4 de Abril (quinta-feira) (Fig. 17 e 18)

Visita a Guimarães: depois das sessões organizadas no Porto, o quinto dia desta *Semana* foi dedicado a Guimarães, tendo por pivot a Sociedade Martins Sarmento. Pelo relato do boletim publicado na

Revista de Guimarães de 1935, percebemos que Mário Cardozo, presidente da Sociedade e membro efectivo do SEG, estivera desde o início do ano em contacto com o secretariado da organização, interessado em que a embaixada galega se deslocasse a Guimarães, se não para a realização de sessões, ao menos com o fim de conhecerem os seus monumentos e museus e ainda para celebrar o papel fundador desempenhado por Martins Sarmento nos estudos da arqueologia do Noroeste. Aprovado o programa, o suporte financeiro para o executar foi solicitado à Câmara Municipal, que prontamente o facilitou (Carvalho 1935, p. 53; BMTM-FSJ 55, 84, 92, 98, 100/513). Para o dia, fez a Sociedade um convite com o programa de visitas e a ementa do almoço oferecido na Penha (Fig. 17).

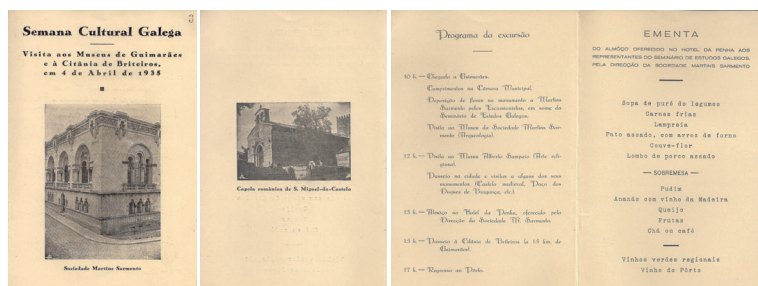


Fig. 17 Dia 4 de Abril: programa da excursão a Guimarães (FCUP-IA)

Do Porto partiram duas camionetas com os participantes, esperados no limite do concelho pelas autoridades locais e imprensa^[29], formando-se o cortejo de *três camionetes e cinco automóveis ligeiros*. A comitiva englobava todos os intelectuais galegos (e esposas), aos quais se juntaram os mentores desta *Semana* – Mendes Correa e Santos Júnior, os investigadores portugueses, o director dos Monumentos Nacionais do Norte Baltasar de Castro e o presidente da Casa de Espanha. A recepção decorreu nos Paços do Concelho, com sessão formal de boas vindas liderada pelo presidente da edilidade José Francisco dos Santos, seguindo-se a deposição de uma palma junto do busto de Martins

²⁹ Além da imprensa que vimos a cotejar, deram notícia desta efeméride os jornais vimaranenses, por exemplo: *Visita de intelectuais galegos e almoço na Penha. O Comercio de Guimarães*. Guimarães, 1935/04/05, p. 2, que em 03/29, p. 3, anunciara a próxima chegada desta embaixada ao Porto; *Semana Cultural da Galiza: o dia de Guimarães. Noticias de Guimarães*. Guimarães, 1935/04/07, pp. 2-3.

Sarmiento, no jardim fronteiro, acto em que discursou Sebastián González García-Paz (Fig. 18).

Fig. 18 Dia 4 de Abril: momentos da vista a Guimarães (JN 1935/04/05, rep. BPMP)



Dirigiram-se então para o Museu Sociedade Martins Sarmiento, foram acolhidos por Mário Cardozo, a quem agradeceu Filgueira Valverde, e depois seguiram para a Colegiada e o Museu Alberto Sampaio, aí esperava-os o director Alfredo Guimarães. Passearam a cidade e conheceram alguns dos seus monumentos, nomeadamente o Castelo e o Paço dos Duques. O almoço, precedido por fados de improvisado e outra animação, foi oferecido no Hotel da Penha, tendo por remate múltiplos discursos a que deu o tom Mário Cardozo, afirmando que:

Se há afinidades raciais e culturais entre Portugal e a Espanha (...) essas afinidades manifestam-se em toda a sua evidência, especialmente entre as populações do Norte de Portugal e da Galiza confinante. Nascidos do mesmo tronco étnico, portugueses e espanhóis, minhotos e galegos, caminheiros inseparáveis da eterna jornada dos séculos, temos percorrido juntos, desde as mais remotas eras, a mesma senda do progresso, ora iluminada, aberta e ampla, ora tenebrosa, estreita e áspera. Esta identidade de crenças, esta comunidade de interesses é que nos dá verdadeiramente a qualidade de povos irmãos (Carvalho 1935, p. 83).

A tarde estava reservada para a Citânia de Briteiros, onde poucos meses antes fora inaugurada a casa do guarda; terminou com nova homenagem a Martins Sarmiento, desta feita junto do seu jazigo. À noite houve ainda uma conferência (Fig. 19):

Estudos para a
compreensão do
relacionamento cultural
galego-português



Fig. 19 Dia 4 de Abril: após a conferência de Alfonso Castela, a recepção e baile na Casa de Espanha (CP 1935/04/06, rep. BPMP)

Faculdade de Ciências

Alfonso Rodríguez Castelao – *Os cruceiros da Galiza (As cruces de pedra na Galiza)*

Finalizou o dia a recepção e baile na Casa de Espanha, ou, como diz o periodista do *Jornal de Notícias* (1935/04/05, p. 6): “Galegos com galegos, espanhois com corações – que dizer dessa reunião onde irmãos se encontram, se estimam, se abraçam – num convívio imposto pela lei do sangue – pelo amor da terra!”.



Fig. 20 Dia 5 de Abril:
conferencistas (JN 1935/04/06,
rep. BPMP)

5 de Abril (quinta-feira) – Conferências (Fig. 20)

Faculdade de Ciências

José Filgueira Valverde – *A lírica galega no século XIX*

De seguida Castelaο apresentou as imagens dos cruzeiros que na véspera não tinha projectado. Ao terminar, Mendes Correa “depois de afirmar que o eminente artista Alfonso Castelaο é o simbolo mais representativo da alma galega, propôz que a assistência o aclamasse,

aclamando a Galiza” (JN 1935/04/06, p. 6). As outras conferências decorreram após o almoço.

Ramón Sobrino Buhigas – *Lo que es el Corpus Petrogliphorum Gallaeciae*

Xaquín Lorenzo Fernández – *A arte popular nos xugos da Galicia*

De tarde teve ainda lugar uma visita aos laboratórios da Universidade, seguida, no Instituto de Antropologia, da reunião do Seminário de Estudos Galegos, distribuído pelas secções. A de Etnoloxía, dirigida por Vicente Risco, discutiu um plano de trabalhos a realizar em comum.

Risco apresentou uma palestra subordinada ao tema *Mitoloxía popular galega (estudo de sistematización)*.

Alguns membros representativos do SEG deslocaram-se às redacções dos jornais do Porto para agradecer a cobertura da *Semana* e a atenção recebida. Após o jantar, assistiram no cinema S. João à estreia do filme de Leitão de Barros *As pupilas do senhor Reitor*, sessão em honra dos congressistas da *Semana*.



D. Xesús Carro García, arquero logo distinto, que na terceira-feira fez uma interessantíssima conferencia — visto por Salcedo.



FIG. 21 Coleção de caricaturas desenhadas pelos assistentes às conferências (JN 1935/04/04 e PJ 1935/04/06, rep. BPMP)

6 de Abril (sexta-feira) (Fig. 22-24)

Visita à Curia e Buçaco: a convite da Câmara Municipal do Porto, os participantes deslocaram-se em visita à Curia e Mata do Buçaco, sendo o almoço oferecido pela edilidade no Grande Hotel do Buçaco, com a presença do respectivo presidente, Alfredo Magalhães. A este e a Luís Iglesias couberam os discursos de boas vindas e agradecimento, culminando o acto com o descerramento de uma placa comemorativa colocada no *mastro de honra* do hotel. Depois do almoço subiram à Cruz Alta e houve baile no Grande Hotel.

As secções de Filologia e de Literatura aproveitaram para convidar Sá Nogueira, professor do Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, e

Rodrigues Lapa, que justificou a ausência. A reunião destinava-se a programar trabalhos em comum.



Fig. 22 Dia 6 de Abril: Ementa do almoço no Grande Hotel do Bussaco, oferecido pela Câmara Municipal do Porto. Exemplar com autógrafos de convivas, pertença de Judite dos Santos Júnior (BMTM-FSJ)

Ao fim da tarde fez-se nova reunião do Seminario de Estudos Galegos, no Porto, em que ficou acordada a realização de uma *Semana Cultural Portuguesa* no ano seguinte, em Santiago, com extensões na Corunha, Pontevedra e Vigo, e anunciada a criação na Universidade do Porto de um *Instituto de Estudos Galegos*, simétrico ao existente na Universidade de Santiago.

O jantar de despedida, oferecido pelo Seminario, decorreu no Grande Hotel do Porto e foi alargado a figuras gradas da cultura. Discursaram, em despedida e agradecimento, Luís Iglesias, presidente do SEG, Mendes Correa e Santos Júnior, presidente e secretário da *Semana Cultural Galega*, rematando Otero Pedrayo.



Fig. 23 Dia 6 de Abril: reportagem das visitas e almoço no Bussaco [CP 1935/04/07, rep. BPMP]

7 de Abril (sábado)

A comitiva regressou à Galiza, não sem antes ter visitado e almoçado na cidade de Braga, repasto que findou com o discurso de despedida a cargo de Santos Júnior (JN 8 ab. 1935; TAE 7 (1935), p. 175).

Filgueira Valverde estimou em vinte e cinco o número de participantes galegos (MP Filgueira, 227-2; Filgueira Valverde 1993), mas, de facto, identificamos, na maioria dos casos com nome e filiação institucional, pelo menos trinta e seis presenças^[30]. A listagem de portugueses é mais curta, vinte e três, uma vez que apenas contempla representantes institucionais e colaboradores na organização (Soeiro 2016, pp. 105-106).

Reunida a Xunta do SEG a 13 de Abril de 1935, quando acabara de acontecer a *Semana Cultural Galega* no Porto, dá-se notícia de um telegrama de Mendes Correa a agradecer a participação no evento, gesto que, por sua vez, o Seminario irá retribuir formalmente às instituições portuguesas, através de missivas a dirigir ao presidente e vice-presidente da Câmara Municipal do Porto e às de Vila Nova de Gaia e de Guimarães, municípios onde também decorreram sessões e visitas, ao reitor da Universidade do Porto e director da Faculdade de Ciências, e à Sociedade Martins Sarmento, Associação Comercial (do Porto), Casa de Espanha, Governador Civil do Porto, cônsul de Espanha, José Vázquez Enríquez, Oliveira de Lima, J. R. Santos Júnior, Fernando Pires de Lima, Joaquim Pires de Lima, Pedro Vitorino e Aarão de Lacerda. Os gastos com esta deslocação a Portugal orçaram 6.236,65pts (IEG–SEG Acta 14; Mato 2001, p. 283).

4.2. E depois do sonho realizado

No cômputo geral, a iniciativa precedente chama a atenção pela invulgar abrangência multidisciplinar das temáticas científicas tratadas, que ultrapassaram em muito as mais comuns, como as ciências sociais e humanas, para dar grande importância à Medicina, já com relevantes realizações anteriores, como vimos, ou à Biologia e Geologia. Reflectem

³⁰ Embora substituídas por outras, da agenda pré-estabelecida ficaram em falta quatro conferências, a primeira inesperadamente, as outras três porque os investigadores não viajaram para Portugal, pelos motivos que a imprensa galega justificara ao anunciar o programa definitivo: Bibiano Fernandez-Osorio Taffall – *Las enfermedades producidas por virus y su importancia agrícola*; Aquilino Iglesias Alvarino – *Revelación de Galiza na súa literatura*; Ciríaco Pérez Bustamonte – *Los archivos farnesianos y su importancia para la historia de Portugal*; Primitivo Hernández Sampelayo – *La geología gallega*.

a dinâmica gerada pela reestruturação da Universidade de Santiago no tempo de Rodríguez Cadarso, desde o início da década de trinta, através da potenciação do Instituto de Estudios Regionales com os seus laboratórios especializados, como o de Fitopatología e Pragas do Campo, o de Bromatología Galega e o de Xeoquímica, todos voltados para a transferência de tecnologia e aplicação prática das inovações na resolução de constrangimentos vividos, nas condições em que decorria a actividade produtiva.

Mostra também a capacidade agregadora do Seminario, aberto a todos os galeguistas que quisessem estudar a terra^[31], o que permitiu trazer ao Norte de Portugal uma representação de excelência, mesmo que alguns dos seus expoentes vissem superiormente impossibilitada a sua deslocação, como deram conta, através das mensagens enviadas, López Cuevillas (Alonso Estraviz 2011, p. 59)^[32], Fermín Bouza Brey e Ramón Martínez Lopez (BMTM-FSJ 67/513).

Uma resenha dos trabalhos foi preparada para publicação no volume 7 dos *Arquivos* do SEG (IEG-SEG Acta 1935/11/02), prevendo-se a impressão de um milhar de separatas que, como aquele, não houve tempo de concretizar antes da guerra.

De facto, acabados de regressar deste intenso programa, Filgueira Valverde pediu de imediato os resumos aos diversos conferencistas, bem como alguns discursos. A 15 de Abril, Xesús Charro envia-lhe o seu, mas com um curioso comentário relativo a esta precipitação, que nem o deixara retomar o ritmo: “supoño que habrá xa pousado do viaxe a Portugal e da Semana. Eu, confeso, que ainda non recobrei de todo as forzas e o sono perdido” (MP Filgueira, 227-2). Filgueira

³¹ Trata-se da Xeración Nós, que deu prioridade à afirmação do nacionalismo pela diferenciação da Galiza como entidade cultural autónoma, original no seu *enxebriismo*. No primeiro número da revista, de Outubro de 1920, afirmava-se que: “Os colaboradores de Nós poden ser o que lles pete: individualistas ou socialistas, pasatistas ou futuristas, intuicionistas ou racionalistas, naturistas ou humanistas; pódense pór en calquera das posiciós posibles respecto das catro antinomias da mente contemporánea; poden ser hastra clásicos, con tal de que poñan por riba de todo o sentimento da Terra e da Raza, o desexo colectivo de superación, a orgullosa satisfacción de seren galegos” (NÓS 1, p. 1).

³² Vicente Risco escreve a Santos Júnior, em carta de 10 de Abril, que: “eiqui estamos, outra vez em casa, despois dos fermosos e inesquecentes dias que pasamos com Vas Exas que lembraremos sempre e que já deseamos que volvan. Namentras, adicámonos a darlle enveja ao Cuevillas, coa narrativa da viagem” (Alonso Estraviz 2011, p. 391).

juntou aos textos uma apresentação da *Semana* e uma conclusão em que caracteriza este encontro fraterno da seguinte forma:

Nesta ‘Semán Galega’ o Seminario foi decir ao pobo portugués o que era a terra galega, foi falar da vella ‘terra gençor’ chea de agarimo pra o pobo irmán. Mais os portugueses e dun xeito especial as xentes do Porto que dou nome á Lusitania e de Guimaraes que foi seu berce, as xentes das terras do antre Douro e Minho onde decorreran estas xornadas souperon decir aos galegos o que é Portugal para a irmá Galicia. Que a irmandade xurada nas ribeiras do Douro, na paisaxe románica de Guimaraes, nos outos do Bussaco e nos castros da veiramar das descobertas medre en vizosos froitos para os dous pobos! O Seminario, sempre amigo do calar fecundo, sempre afeito ao silencio xermolado, quer hoxe que estas paxinas donde se recolle a crónica da ‘Iª Semá Galega’ leven, a tremer de fervor, unha alocuencia, unha fala calido i-acesa, que faga comprender a todos o quentor das xornadas dispostas pel-os irmáns minhotos (MP Filgueira, 227–2).

E assim ficaram os originais completos e uniformizados para o prelo, onde não chegariam (MP Filgueira, 227–2).

Na recordação de Vicente Risco “leváramos a Portugal o melhor do noso espírito”; completa Filgueira Valverde, muitos anos mais tarde (1993): “E trouxemos unha imaxe vizosa da lusitaneidade perdurable, da actualidade das artes e da investigación e, sobre todo, do grande amor á nosa Terra”.

No mês de Julho de 1935, Santos Júnior decide acompanhar os seus amigos do SEG no projecto de investigação transdisciplinar a decorrer na Terra de Deza, colaboração saudada por Cuevillas. Dessas jeiras guardou recordações inolvidáveis (Alonso Estraviz 2011, pp. 60–61 e 357). Na ocasião, programaram um futuro trabalho conjunto numa região fronteiriça (*PJ* 1935/08/08), não concretizado.

Ao findar o ano, foi discutido em reunião da Xunta do SEG como se organizaria a *Semana Portuguesa* de 1936. A questão colocava-se porque por um lado Santos Júnior exprimira, em correspondência, as suas dúvidas pela pouca maturação do programa, e por outro, dado que 1936 seria o ano das grandes comemorações do milénário do Mosteiro de Celanova, nas quais o Seminario estava fortemente empenhado. Optaram, assim, pela proposta de Filgueira Valverde

para que a *Semana Portuguesa* passasse para 1937, acompanhando a celebração dos centenários de Rosalía de Castro e Antonio López Ferreiro (IEG–SEG Acta 1935/11/02).

4.3 A resiliência, sob a sombria tutela do franquismo

A história construiu-se, porém, de outra forma; em Fevereiro de 1936 a Frente Popular ganha as eleições e a sublevação militar de direita não se fez esperar, no mês de Julho está em movimento. Seguem-se trágicos anos de guerra^[33]. Fechou o tempo dos projectos culturais comuns, consolidados pela amizade e guiados pela chama do nacionalismo, que regressarão transformados no pós-guerra, politicamente assépticos (Beramendi & Núñez Seixas 1995, p.191 e ss.; Carro Otero 1995; Simões 1996; Soeiro 2004).

Das iniciativas frustradas, uma se arrastaria em desejo alguns anos, decorrente da reunião do Seminario de Estudos Galegos – secção de Etnologia havida no dia 5 de abril, no Instituto de Antropologia, recordada também na reunião de Novembro (IEG–SEG Acta 1935/11/02): fazer em conjunto um Congresso de Etnografia Galego-Portuguesa, com o qual concordavam, e mesmo fizeram sugestões Vicente Risco (Alonso Estraviz 2011, p. 392), Fermín Bouza-Brey (Alonso Estraviz 2011, pp. 522-523), Xaquín Lorenzo (Alonso Estraviz 2011, pp. 187-188), Cuevillas (Alonso Estraviz 2011, pp. 65,69,70) e outros companheiros do, dentro em pouco, extinto Seminario^[34].

Testemunho do profundo entrosamento dos investigadores galegos e portugueses, em especial entre membros do SEG, e das complicitades que, forjadas nos tempos de esperança, souberam resistir a duras provas, ficou-nos mais uma significativa memória recordada por Santos Júnior quando, em 1979, lhe pediram um contributo para uma obra sobre Ramón Otero Pedrayo:

³³ *Vd.* a repressão sobre membros do SEG (Mato 2001, p. 233 e ss.).

³⁴ Não aconteceu, apenas viriam ao Porto em 1940, para participar no Congresso do Mundo Português, distribuindo-se pelas reuniões de Pré e Proto-História (Xaquín Lorenzo, Fermín Bouza-Brey e Federico [Maciñeira] Pardo de Lama), História Medieval (Jesús Carro García) e Etnografia (Xaquín Lorenzo, Fermín Bouza-Brey). *Congresso do Mundo Português*, vols. 1, 2, e 18, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940.

De outra vez foi em Santiago, num jantar em que os amigos do Seminário de Estudos Galegos quizeram homenagear-me por, em Madrid, onde fora fazer conferências à Universidade Central, num almoço presidido pelo Ministro da Educação Ibañez Martin, eu ter afirmado categoricamente que muitos dos amigos e companheiros do Seminário de Estudos Galegos, a que me orgulhava de pertencer, eram profundamente e essencialmente galeguistas e nada separatistas ... Eu sabia que o grupo do Seminário de Estudos Galegos tinha a paixão e o culto da terra galega (...). Terminei por afirmar ao Ministro Ibañez Martin que o ter sido encerrado o Seminário de Estudos Galegos o fora sem justa razão. Passado pouco tempo o Seminário ressuscitou, com o nome de Seminário de Estudos Galegos Padre Sarmiento (Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento 1943/11/30). Diz-se que foi a minha conversa com o Ministro que determinou, ou acelerou a ressurreição do Seminário. Seria? (Alonso Estraviz 2011, pp. 775-776).

Cuevillas agradeceu na ocasião, em carta de Setembro de 1942, essa coragem do companheiro e amigo: “não sabes canto te agradecemos os seminaristas que aqui estamos as palavras que dedicamos a nossa fenescida instituição cultural, tão lembrada por nos e cuja perda sempre lamentaremos” (Alonso Estraviz 2011, p. 88); mas esclarecia-o que:

O Instituto P. Sarmiento do que falaba na minha derradeira não veu a resuscitar o Seminario, veu mais a botarlle por riba uma lousa de pedra, e ainda que não duvido que tenha para Portugal os melhores sentimentos é dificíle que mantenha a antiga fraternidade baseada en principios que são insosteníbeles no dia de hoxe. Por fin terá de bon o ser un instrumento de traballo para os que nil colaboren (Alonso Estraviz 2011, p. 96)^[35].

³⁵ Segundo Barreiro Fernández (1981, p. 223), ingressaram no novo Instituto vários investigadores do SEG, como Otero Pedrayo, Filgueira Valverde, Xesús Carro García, Bouza Brey, Cuevillas, Vicente Risco e Paulino Pedret. Mas: “evidentemente, o Instituto P. Sarmiento non era o Seminario de Estudos Galegos. Controlado polo réxime, tivo que renunciar a seccións como as de Pedagogía e Ciencias Sociais, tivo de medi-las homenaxes, cuida-las publicacións, ter moito siso na elección dos carregos”, afinal o que intuía Cuevillas, faltava liberdade e os *principios* eram outros.

Mas foi Mendes Correa quem de forma desassombrada expressara, bem antes e publicamente, estas pautas comportamentais que então regiam a relação com os colegas galegos, as quais davam primazia à qualidade profissional e humana por sobre as ideologias políticas. Encantado com a pessoa e a obra de Cadarso, que com Novo Campelo, decano da Faculdade de Medicina USC, visitara o Instituto de Antropologia, escreve na primeira página de um dos mais lidos jornais diários do Porto:

Não quero saber a que partido político pertence o prof. Cadarso nem se trata agora de acentuar a filiação socialista de Fernando de los Rios. O que se regista é não só a visão rasgada daquele que preside aos destinos da gloriosa universidade compostelana, mas também o superior e lucido interesse dos poderes publicos do pais visinho pelas iniciativas culturais (PJ 1933/02/05).

A escrever a partir da capital, também na notícia do *Diário de Lisboa* expressivamente titulada *A Semana Portuguesa de Vigo: A Galiza mais perto do coração de Portugal*, o jornalista (Joaquim Manso) tinha tido o cuidado de eliminar eventuais dúvidas sobre qualquer intromissão no campo político:

Se na literatura, portugueses e galegos da mesma maneira cantaram, trovaram e exprimiram os seus sentimentos, é porque uma mesma indole os uniu sempre, independentemente da autonomia política, que fez dos dois países – países soberanos. A Galiza é Espanha; Portugal é como sempre foi uno e indivisível (1933/03/25).

Será assim no domínio da cultura e da ciência, alimentando a comum paixão pela identidade e prevalência da antiga *Callaecia*, que o entendimento para a investigação e valorização do Noroeste se consolida entre os intelectuais, apoiado em amizades e tentando contornar as ideologias políticas individuais e os escolhos que a volátil conjuntura peninsular lança no caminho. Exemplo desta sensibilidade, Filgueira Valverde questiona Santos Júnior, para a projectada *Semana* de 1934, sobre a língua em que se fariam as conferências e este responde, prudentemente:

Quanto ao pedido que me faz sobre a língua em que devem ser feitas as conferências, troquei impressões com o Prof. Mendes Corrêa e ainda com um vosso patrício, inteligente e culto, embora nada galeguista, que foram de acordo que sendo a semana de cultura galega ninguém poderia estranhar que fôsse feita em língua galega. Entretanto, e é essa também a minha opinião, dados os últimos acontecimentos em Espanha para que não fosse ou pudesse ser mal interpretado êsse facto, é conveniente que algumas sejam feitas em castelhano (Alonso Estraviz 2011, p. 403).

O comentário sobre Angelo Vasquez Henriques, membro da Comissão de 1934 (falecido antes da *Semana* de 1935) e proprietário do hotel onde ficaram hospedados, vai no mesmo sentido: “apesar de centralista é boa pessoa e duma rara distinção” (Alonso Estraviz 2011, p. 401).

Na *Semana Cultural Galega* de 1935, tanto quanto a imprensa deixa perceber, também não há sinais de conflito, nem entre as diferentes posturas políticas dos convidados^[36], porque todos são nacionalistas (Beramendi 2005, p. 503), nem com as autoridades centrais portuguesas. A estas foi dado lugar de destaque nas sessões solenes, lado a lado com os representantes do governo espanhol, e houve o constante apoio da Casa de Espanha e do cônsul. Os responsáveis portugueses, politicamente correctos, seja por convicção ou por cautela, antecipadamente realçaram na comunicação social que o SEG não tinha actividade política, apenas cultural (*PJ* 1935/2/10).

No decorrer do evento, as referências directas e fraternais à Galiza destacam, mas existe quase sempre um plano recuado que remete para dois pressupostos, particularmente nos discursos das autoridades:

³⁶ Desde 1934 que se debatiam no seio do Partido Galeguista diversas linhas de actuação, uma preconizando a aproximação à esquerda, protagonizada, entre outros, por Castelao, as demais mantendo posições neotradicionalistas, minoritárias, razão do prístino afastamento de Vicente Risco e, em 1935, com a derrota da orientação católica-tradiconalista, de Otero Pedrayo. Também Filgueira Valverde abandonou o partido em 1935 para fundar a *Direita Galeguista* de Pontevedra, cisão semelhante fará Risco em Ourense, para não ver o seu nome envolvido na campanha eleitoral de 1936, em que o Partido Galeguista integra a Frente Popular. Estas posições pré-eleitorais têm reflexo no tratamento que é dado a cada qual após a vitória franquista: Castelao, fora da Galiza no momento do levantamento militar, salva-se e acompanha a Espanha da República até se ver obrigado a partir para o exílio, onde morre; outros como Otero Pedrayo são ostracizados; e os que se haviam demarcado da Frente Popular passam incólumes e alguns juntam-se mesmo ao franquismo (Beramendi 2005, p. 514 e ss.).

a unidade do estado espanhol e a inquestionável independência de Portugal (Núñez Seixas 1993). Santos Júnior exprimiu-o subtilmente logo na inauguração: “Benvindos, galegos ilustres, amigos nossos, a esta terra que deu nome à nacionalidade e é uma das mais sagradas quinas da pátria lusitana” (*Séc.* 1935/4/01, p. 6). Ramírez Montesínos, pelo governo espanhol, *termina* a afirmar “Portugal e Espanha foram e serão sempre dois grandes países” (*PJ* 1935/04/02, p. 1). Mário Cardozo, em Guimarães, fez cabalmente essa demarcação:

Não há ligações humanas mais sólidamente estabelecidas, nem mais profundamente duradouras do que aquelas que uma comunidade de crenças e de sentimentos desinteressados fez nascer (...) Longe de mim, com esta afirmação, aliás sem originalidade, pensar em defender ideologias insensatas ou internacionalismos de carácter político, que as minhas convicções tradicionalistas repudiam formalmente (Carvalho 1935, p. 83).

À despedida, nos discursos do almoço no Buçaco, ela virá no voto do anfitrião, Alfredo Magalhães, presidente da Câmara do Porto, quase em tom jocoso: “Saúdo os ilustres galegos que se encontram entre nós, desejando ardentemente que o consorcio entre a Galiza e Portugal seja um facto, embora haja que observar-se uma indispensável separação de bens” (*JN* 1935/04/07, p. 4). O brinde do professor Oliveira Lima, em castelhano, termina com um *viva Espanha*, correspondido pelos assistentes.

Nota acintosamente discordante vem de Madrid, onde um periódico critica o SEG por levar a Portugal apenas temáticas galegas e as conferências serem nesta língua. A resposta de Villar Ponte publicada em *El Pueblo Gallego* (1935/04/07, p. 16) foi acutilante e teve eco em outros jornais.

Tratou-se pois da festa de uma cultura, indestrinçável na raiz e compartilhada, numa rara conjuntura de desejo mútuo e paridade entre nações fraternas, mas que o devir colectivo apartara politicamente, em definitivo, há mais de nove séculos (Vásquez Cuesta 1995). Também Rodrigues Lapa, opositor ao Estado Novo e insuspeito no seu filologuismo, depois de exprimir o “gosto pelo movimento de libertação que percorre a Galiza” (MP Filgueira, 227-1), identificara a necessidade de assumir claramente esta emancipação no número especial da *Scara*

Nova dedicado ao centenário de Eduardo Pondal, no qual colaboraram destacadas personalidades do galeguismo:

Pretende-se com isto dar-se um passo para uma coisa, que infelizmente ainda não passou de retórica sentimental e do lirismo vago dos arrulhos literários: a aproximação eficaz de duas partes duma cultura desmembrada. Êste propósito, que é, devemos dizê-lo, muito mais vivo além do Minho, não oculta a menor sombra de maquinação política. Digamo-lo brutalmente: nós não nos sentimos em condições de fazer feliz a Galiza; e, ainda que o estivéssemos, preferiríamos que ela fabricasse por si mesmo, com o nosso apoio moral, a sua felicidade (Lapa 1935, p. 259; Cunha 2003, p. 142).

Nem por isso durante a *Semana* se pouparam os arroubos líricos, já que, como lembrado nos discursos, *sempre que na Galiza se faz um verso, encontra-se-lhe a rima em Portugal*.

Agradecimento

Devemos um agradecimento pelo apoio na investigação através da facilidade de acesso a fundos bibliográficos e documentais, bem como pela reprodução de imagem, às seguintes instituições: Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Biblioteca(s) da Universidade de Santiago de Compostela, Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Instituto de Estudios Gallegos, Museo de Pontevedra, Museo do Pobo Galego, Sociedade Martins Sarmento, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e Torre do Tombo.

5. Abreviaturas

BMTM – FSJ – Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo /Centro de Memória /Fundo Santos Júnior

CG - *El Correo Gallego*

Comp. – *El Compostelano*

CP – *O Comércio do Porto*

FCUP-IA – Faculdade de Ciências da U.Porto /Biblioteca/Fundo
Instituto de Antropologia

FMUP-DA – Faculdade de Medicina U. Porto/ Departamento de
Anatomia

IEG-SEG – Instituto de Estudios Gallegos «Padre Sarmiento»/ Fundo
Seminario de Estudos Galegos

JN – *Jornal de Notícias*

MP Filgueira – Museo de Pontevedra/ Fundo X. Filgueira Valverde

PG – *El Pueblo Gallego*

PJ – *O Primeiro de Janeiro*

Séc. – *O Século*

SEG – Seminario de Estudos Galegos

SPAÉ – Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

TAE – Trabalhos de Antropologia e Etnologia

U.Porto – Universidade do Porto

USC – Universidade de Santiago de Compostela

VG – *La Voz de Galicia*

Referências Bibliográficas

(N.N.). (1921). A Embaixada espiritual de Leonardo Coimbra. *Nós*, 2(7), 5–7.

(N.N.). (1929). Galiza e Portugal. *Portucale*, 2, p. 63.

(N.N.). (1935). Semana cultural galega. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 7, p. 175.

(N.N.). (1976). Lembranza dunha Semana Cultural Galega no Porto. *Grial*, 53, 388–391.

ALONSO ESTRAVIZ, I. (Ed.) (2011). *Santos Júnior e os intelectuais galegos: epistolário*. Ponte Caldelas: Fundação Meendinho.

BARREIRO FERNÁNDEZ, X. R. (1981). *Historia de Galicia IV. Edad Contemporánea*. Vigo: Galaxia.

BERAMENDI, J. & NUÑEZ SEIXAS, X. M. (1995). *O nacionalismo galego*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

BERAMENDI, J. (2005). El galleguismo político (1840-1936). In J. de Juana & X. Prada (Coords.), *Historia contemporánea de Galicia* (pp. 493–517). Barcelona: Editorial Ariel.

BERAMENDI, J. (2007). *De provincia a nación: historia do galeguismo político*. Vigo: Xerais.

- BERMUEDES, C. B. A. (1952). Uma parte da correspondência do Professor Rodríguez Cadarso, de Santiago de Compostela, para o Prof. H. de Vilhena. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 27, 839-869.
- CALO LOURIDO, F. & SOEIRO, T. (2017). En demanda das raíces. A arqueoloxía do Noroeste Peninsular nas primeiras décadas do século XX. In Beramendi, J. et al. (Eds.), *Repensar Galicia: as Irmandades da Fala* (pp. 491-508). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Museo do Pobo Galego.
- CARRÉ, L. (1967). Presença de Portugal na Real Academia Gallega. In Real Academia Galega (Ed.), *Primeira y segunda asambleas lusitano-gallega: actas y comunicaciones* (pp. 37-40). Madrid: Editora Nacional.
- CARRO OTERO, J. (2 de abril de 1995). Mário Cardozo y las relaciones culturales galaico-portuguesas. *El Correo Gallego*, p. 30.
- CARRO OTERO, J. (2008). Alejandro Rodríguez Cadarso. Anatomista e médico. In M. R. Bermejo Patiño (Coord.), *Rodríguez Cadarso: un reitor para um país* (pp. 81-93). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- CARRO OTERO, J. (27 DE FEVEREIRO DE 1994). La “Semana de Galicia” en Portugal, de 1935. *El Correo Gallego*, p. 30.
- CARVALHO, A. L. DE (1935). Boletim. *Revista de Guimarães*, 45, 51-88.
- CIDADE, H. (28 DE ABRIL DE 1931). Notas de Espanha: em Compostela. *O primeiro de Janeiro*, p. 1.
- CIDADE, H. (23 DE MAIO DE 1931). Notas de Espanha: o movimento galeguista. *O primeiro de Janeiro*, p. 1-2.
- CORRÊA MENDES, A. A. E. (5 DE FEVEREIRO DE 1993). Um mestre. *O Primeiro de Janeiro*, p. 1.
- CUNHA, N. F. DA (2003). A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1932-1937). In M. X. Agra Romero & N. Rodríguez Rial (Eds.), *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras. Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico*, 28-19 de novembro de 2003 (pp. 231-303). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- CUNHA, N. F. DA (2007). *A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*. Monção: Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.
- DIZ-LOIS MARTÍNEZ, F. (2008). Jornadas Médicas Gallegas. In F. Diz-Lois Martínez (Coord.), *La medicina interna como modelo de práctica clínica* (pp. 51-60). Santiago de Compostela: Sociedade Galega de Medicina Interna.
- FARINHA, L. (1998). *O Revirálho: revoltas republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926-1940*. Lisboa: Editora Estampa.
- FERNANDES, R. (1981). Carta inédita de António Sérgio a José Osório de Oliveira. *Colóquio/Letras*, 59, 42-45.
- FERNÁNDEZ PRIETO, L. & SANTOS PÉREZ, A. (2008). Rodríguez Cadarso: institucionalismo, galeguismo e República na Universidade de Santiago. In M. R. Bermejo

- Patiño (Coord.), *Rodríguez Cadarso: un reitor para un país* (pp. 25-42). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- FERREIRA, T. (DIR.) (1936). *Germen, Revista dos Estudantes de Medicina do Porto*, 4.
- FILGUEIRA VALVERDE, X. (14 DE OUTUBRO DE 1993). O Seminario de Estudos. *La Voz de Galicia*, p. 74.
- GURRIARÁN, R. (2008). Alejandro Rodríguez Cadarso: un innovador que fixo país. In M. R. Bermejo Patiño (Coord.), *Rodríguez Cadarso: un reitor para un país* (pp. 95-113). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- INSTITUTO PADRE SARMIENTO DE ESTUDIOS GALLEGOS (1974). *Seminario de Estudos Galegos (1923-1973). Cincuentenario da súa creación*. Santiago de Compostela: Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos del Consejo Superior de Investigaciones de Científicas.
- LAPA, M. R. (1935). Centenário de Pondal. *Seara Nova*, 425, 259-260.
- MACHADO, F. A. (2003). Desencontros entre a natureza e os homens. O olhar de um ex-ministro republicano sobre a Galiza. In M. X. Agra Romero & N. Rodríguez Rial (Eds.), *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras. Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico, 28-19 de novembro de 2003* (pp. 29-53). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- MARÇAL, H. (1954). O significado do vocábulo «galego» e a sua extensão na etnografia e no folclore. *Douro Litoral*, 6 (1-2), 3-16.
- MARCO, A. (1996). Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal em jornais e revistas. *Agalia*, 46, 197-209.
- MATO, A. (2001). *O Seminario de Estudos Galegos*. A Coruña: Edicións do Castro.
- MATOS, P. C. V. F. DE (2012). *Mendes Correia e a Escola Antropológica do Porto: Contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)* (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa).
- MONTEIRO, H. (1934). Professor Alexandre Rodriguez Cadarso. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 6(3), 237-243.
- NUNES, J. J. (1919). Congresso de Estudos Galegos. *Lusa*, 3(50-51), 64-67.
- NÚÑEZ SEIXAS, X. M. (1993). Portugal e o Galeguismo até 1936. Algumas considerações históricas. *Penélope*, 11, 67-81.
- OLIVEIRA, C. (1985). *Portugal e a II República de Espanha*. Lisboa: Perspectivas e Realidades.
- OLIVEIRA, C. (1992). A evolução política. In F. Rosas (Coord.), *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)* (pp. 21-85). Lisboa: Editorial Presença.
- OLIVEIRA, J. O. DE (1928). Galiza e Portugal. *Seara Nova*, 7, p. 290.
- OLIVEIRA, J. O. DE (1929). Factos e documentos: A semana portuguesa na Galiza. *Seara Nova*, 8, p. 174.

- PAZOS JUSTO, C. (2011). A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX: do imagotipo negativo ao imagotipo de afinidade. *Veredas*, 16, 39–69.
- PRADA RODRÍGUEZ, J. (2005). La República y la sublevación militar. In J. de Juana & X. Prada (Coords.), *Historia contemporánea de Galicia* (pp. 229–158). Barcelona: Editorial Ariel.
- REDACÇÃO (1933). A comemoração solene do centenário do nascimento de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 43, 5–40.
- REDACCIÓN (1943). Académicos correspondientes portugueses. *Boletín de la Real Academia Gallega*, 23 (274-276), 435–494.
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, A. & RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, X. (2020). *Epistolario. Cuevillas e os seus contemporâneos*. Ourense: Museo Arqueológico Provincial de Ourense.
- ROSAS, F. (1994). O Estado Novo (1926-1974). In J. Mattoso (Dir.), *História de Portugal* (vol. 7). Lisboa: Círculo de Leitores.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS (1934). Congresso científico de Santiago de Compostela. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 6(4), 384–388.
- SIMÕES, J. S. (1996). A Sociedade Martins Sarmento e a Galiza. *Revista de Guimarães*, 106, 321–332.
- SOCIEDADE MARTINS SARMENTO (1933). *Homenagem a Sarmento: Miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense, no centenário do seu nascimento (1833-1933)*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SOEIRO, T. (2004). Menos mal que nos queda Portugal. *Boletín da Real Academia Galega*, 365, 217–234.
- SOEIRO, T. (2016). Galiza no Porto: evocação da Semana Cultural Galega de 1935. *Portugalia*, 37, 89–129.
- SOEIRO, T. (2020). A arqueologia no norte de Portugal e a sua relação com a «Xeración Nós» (1920-1940). In A. Rodríguez González & X. Rodríguez González (Coords.), *Arqueoloxía do noroeste peninsular en tempos de Nós* (pp. 103–118). Ourense: Xunta de Galicia.
- TABOADA, J. (1955). La descalificación de Galicia en la Literatura y en el pueblo. *Douro Litoral*, 6(7-8), 105–123.
- TAVARES, A. S. (1964). Professor Hernâni Monteiro: Notícia biobibliográfica. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 32, 193–215.
- TORRE GÓMEZ, H. DE LA (1998A). Do “perigo espanhol” à amizade peninsular: Portugal-Espanha 1919-1930. Lisboa: Editorial Estampa.
- TORRE GÓMEZ, H. DE LA (1998B). *A relação peninsular na antecâmara da guerra civil espanhola (1931-36)*. Lisboa: Edições Cosmos.
- TORRES FEIJÓ, E. J. (1999). Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891). *Ler História*, 36, 273–318.

- VARELA PUNHAL, R. (2000). Relaçons Galiza-Portugal em Castelao. In J. L. Rodríguez (Ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero* (pp. 1007-1044). Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Universidade de Santiago de Compostela.
- VÁZQUEZ CUESTA, P. (1995). Portugal-Galicia, Galicia-Portugal, un diálogo asimétrico. *Colóquio/Letras*, 137-138, 5-21.
- VENTURA, A. (1987-1988). A «Seara Nova» e a Galiza. Contributo para o estudo das relações culturais luso-galegas. *Clio*, 6, 141-157.
- VENTURA, A. (1988). António Sérgio e António Augusto Ferreira de Macedo: marcos de um convívio epistolar (1919-1949). In J. Medina *et al.*, *Estudos sobre António Sérgio* (pp. 51-116). Lisboa: INIC / Centro de História da Universidade de Lisboa.
- VILHENA, H. DE (1934). Alejandro Rodríguez Cadarso. Seu elogio. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 16, 501-525.
- VILLANUEVA, D. (2008). Alejandro Rodríguez Cadarso (1887-1933), reitor da modernidade. In M. R. Bermejo Patiño (Coord.), *Rodríguez Cadarso: un reitor para um país* (pp. 57-71). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- VILLARES PAZ, R. (1983). As relacións da Galiza con Portugal na época contemporânea. *Grial*, 81, 301-341.
- VIVEIRO MOGO, P. (2008). O reitor Alejandro Rodríguez Cadarso a través da prensa local (1930-1933). In M. R. Bermejo Patiño (Coord.), *Rodríguez Cadarso: un reitor para um país* (pp. 43-55). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.